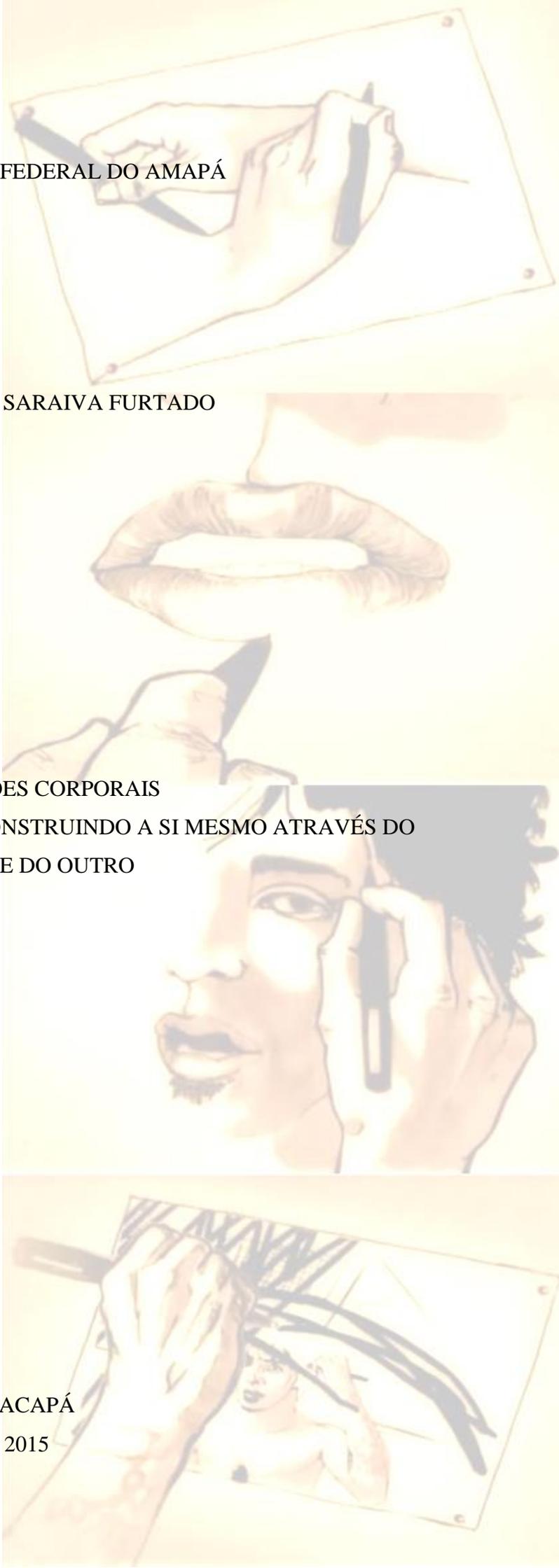


UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

LANA MAIARA SARAIVA FURTADO

IMPRESSÕES CORPORAIS

TATUANDO UMA IDENTIDADE CONSTRUINDO A SI MESMO ATRAVÉS DO
CORPO E DO OUTRO



MACAPÁ
2015

LANA MAIARA SARAIVA FURTADO

IMPRESSÕES CORPORAIS
TATUANDO UMA IDENTIDADE CONSTRUINDO A SI MESMO ATRAVÉS DO
CORPO E DO OUTRO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Artes Visuais da Universidade Federal do
Amapá – UNIFAP, como requisito para obtenção do
título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Ms. Nycolas dos Santos
Albuquerque

MACAPÁ
2015

LANA MAIARA SARAIVA FURTADO

IMPRESSÕES CORPORAIS
TATUANDO UMA IDENTIDADE CONSTRUINDO A SI MESMO ATRAVÉS DO
CORPO E DO OUTRO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Artes Visuais da Universidade Federal do
Amapá – UNIFAP, como requisito para obtenção do
título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Ms. Nycolas dos Santos
Albuquerque

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Aldaberto Pereira
(Membro)

Prof.^a. Ms. Cristiana Nogueira M. Gomes
(Membro)

Prof. Ms. Nycolas dos Santos Albuquerque
(Orientador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me sustentar e me ouvir nos momentos mais difíceis deste processo e em toda a minha vida;

À Francinalva por ser minha mãe e rainha do meu coração;

Ao Professor Nycolas Albuquerque pela orientação, pela confiança e encorajamento com as conversas;

Aos novos amigos que deram voz à pesquisa mostrando seus “eus”, que acreditaram e ajudaram com palavras simples, mas eficazes;

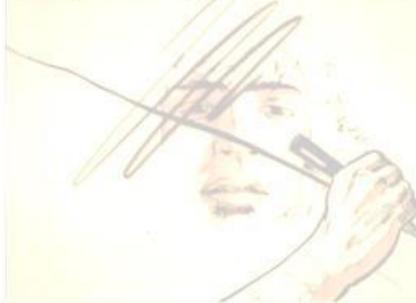
Ao Kenner Prado, pelas indicações de leituras e disponibilidade de tempo durante o processo da pesquisa contribuindo também com trechos de sua pesquisa de mestrado e experiência em campo;

Ao pessoal do Stúdio Black Norte Tatuagem e Piercing: Edricy França, Marcelo Cortes e principalmente ao Huan Brito pelos acolhimentos, conversas, fotos e pela paciência, foi extremamente importante ter contato;

À Filipe Espindola e Sara Panamby pelos contatos via rede social, pela visita à Macapá, e pelas contribuições e conversas sobre esse mundo tão fantástico que é a modificação corporal;

Às amigas que apoiaram na alegria e nos berros cada etapa conquistada, além de compartilharem saberes com conversas e dicas, conselhos: Deyse Byane, Mayara Marques e Marília Navegante;

A todos que acreditaram e tiveram confiança em depositar um pouco de si para a pesquisa, agentes importantes para a conclusão e desenvolvimento desta, todos estão tatuados no coração.



Quando fica cicatriz fica difícil de esquecer (...)

Visível marca de um riscado inesperado

Pra lembrar o que lhe aconteceu

(...)Pra lembrar e nunca mais esquecer

Ficar bem desenhado só pra ser bem lembrado

Risco do erro, mal visto, mal quisto e mal olhado

Quem vê vira logo a vista para o outro lado

Mas essa daqui, me traz uma boa lembrança não preciso esconder

Mas essa daqui, me traz uma boa lembrança não vou mais esquecer

Seja como for

Eu me lembrarei

Seja onde for

Não esquecerei

(...)

Cicatriz

Quem vê nem quis, que fizesse tudo isso por um triz

Cicatriz

Todo cuidado do mundo

Nação Zumbi – Cicatriz

RESUMO

Nesta monografia, realiza-se uma pesquisa qualitativa que consiste em defender a tatuagem como marca identitária, pensando o corpo como diário, a pele como páginas e as tatuagens como escritas e figuras nele impressos e colados, que se remetem à sentimentos, vontades/desejos, protestos etc. marcas que destinam e configuram características visuais e subjetivas do indivíduo escrevendo sobre suas memórias, que gravam nele momentos agradáveis inenarráveis, sem carregar estigmas. São discorridos através dos discursos dos sujeitos/objetos diálogos, confrontos, enfrentamentos, questionamentos, acerca das imagens que constituem identidades, ou fragmentos identitários, onde este constitui-se de elementos discursivos na tentativa de criar diálogos, aprendizados e discursos. Sob os discursos dos sujeitos destacam-se aqui de três sujeitos/objetos por meio de entrevistas semiestruturadas e pesquisa de campo: tatuados, tatuadores e não-tatuados. Dos tatuados, que aborda-se o processo de construção da identidade por meio da imagem impressa na pele e da interação com o ambiente em que vive e com os outros, envolvendo a esfera social como fragmento da identidade individual do tatuado, enquanto; os tatuadores constroem em conjunto com os clientes as imagens e atuam como mediadores de identidades, além de se constituírem de aprendizados e ensinamentos empíricos. Além do universo dos que visualizam, dispõem-se das ideias e discursos e; dos não-tatuados a cerca do mundo da tatuagem e todos seus pontos instigantes e curiosos. Entre as considerações finais, estão os discursos que são lançados e refletidos, aprendizados, enfrentamentos, questionamentos que as imagens tatuadas disponibilizam aos outros, além das ideias que estão pré-estabelecidas sobre a tatuagem com o passar do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Tatuagem - Identidade – Corpo - Interações – Aprendizados.

SUMÁRIO

MARCAS INTRODUTÓRIAS.....	7
CAPÍTULO I – IDENTIDADE INDIVIDUAL: CONSTRUÇÃO SOCIAL	11
1.1 Construções Sociais – Identidade e Tatuagem	12
2.2 O mundo dos Estranhos – Diferenciação	20
CAPÍTULO II – CORPO: MORADA DE VIVÊNCIAS	27
2.1 Do Corpo transgressor tatuado constituído de corpos.....	33
2.1.1 Corpo-Arte	33
2.1.2 Corpo-Sentido	35
2.1.3 Corpo-Linguagem	38
CAPÍTULO III – MEU CORPO-DIÁRIO ÍNTIMO EXPLÍCITO.....	40
3.1 Feitos e Efeitos na pele.....	47
3.2-Registros Memórias: Aprendendo através do Outro.....	49
CAPÍTULO IV – DO TATUADOR AO STÚDIO: MEDIADOR DE IDENTIDADE, SÍMBOLOS E EXPERIÊNCIAS	61
4.1 Do outro lado da agulha	66
4.2 Bons Tatuadores.....	71
RABISCOS E APONTAMENTOS FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

MARCAS INTRODUTÓRIAS

Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres
dizem as suas aspirações,
as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte
e a crença na eternidade dos sentimentos
(RIO, 1908, p. 18)

Quando entregue uma caneta ou lapiseira à uma criança o primeiro impulso que ela tem é o de riscar-lhe a pele (LARRAT, 2008), assim mediante os processos de realização da imagem impressas na pele e sua intenção identitária, esta segue com a temática: IMPRESSÕES CORPORAIS: TATUADO UMA IDENTIDADE CONSTRUINDO A SI MESMO ATRAVÉS DO CORPO E DO OUTRO, de seus feitos e efeitos sobre si mesmo e sobre os que o observam. Todo o processo tem por objetivo compreender como se estabelece a identidade através da pele por meio da tatuagem e dos discursos construídos, neles estão vivências, subjetividades, desejos, realizações que fazem parte da memória e do processo identitário daquele indivíduo. A tatuagem por não se tratar de uma prática contemporânea nesse processo de investigação parte das perspectivas de três objetos/sujeitos na pesquisa: tatuados, tatuadores e não-tatuados, que relatam suas relações quanto a construção da imagem à interpretação das tatuagens alheias.

Seguindo a problemática: De que forma se utiliza seu corpo através da(s) tatuagem(ns) para expressar sua identidade individual? Assim, busca-se no corpo um diferencial individual na sociedade implica estabelecendo novas formas de relações com ele e com tudo ao seu redor. Das capturas de imagens, sons, vivências, experiências e sensações, as falas dos sujeitos da tatuagem, posicionamentos que serviram de norteadores para os questionamentos levantados durante o processo de pesquisa, pois o ser humano, para construir um “Eu”, precisa construir esse Eu em uma relação com o outro. Equivale-se mais “[...] a construção de uma equivalência semântica com as imagens apropriadas não é sistêmica, mas sim subjetiva” (RAMOS, 2005, p. 3), portanto, não tem preocupações com objetividade.

Assim, dos caminhos enveredados - no decorrer dos capítulos - pelos sujeitos/objetos da pesquisa que tem por objetivos compreender o processo de construção identitária do sujeito tatuado, além de identificar em suas intermediações com o mundo ao seu redor através do corpo, das visões que cabem aos não-tatuados a cerca do mundo da tatuagem, e da construção da imagem a ser tatuada em sistema de co-autoria com o tatuador, sempre propondo diálogos

entre todas as partes desse tripé investigativo – os sujeitos da pesquisa. Salienta-se que a prática de tatuar-se vai além de moda e impacto social, ela sustenta significações de amor, homenagem, como proteção, motivação, de posse etc. bases que sustentam histórias/estórias que constituem quem este realmente é constituído, formando sua identidade. Torna-se importante ressaltar que todas as tatuagens são consideradas marcas identitárias, pois este indivíduo mesmo quando não pensa sobre o motivo é levado a contar alguma justificativa. As categorias dos que compartilham ideias e ideais como modo de dissemelhança para com os demais através de sua própria singularidade impressa na pele de seus discursos identitários que sustentam a pesquisa e das relações com os demais, do imaginário dos não-tatuados, e das práticas com os tatuadores que fortalecem a circulação de aprendizados e trocas de experiências através da imagem corporal.

Com o objetivo de através das coletas de dados explicitar o corpo como suporte de arte e identidade, e que as imagens impressas na derme, suas vivências, memórias, desejos, visões etc., que são símbolos que fazem parte dessa singularidade que tanto busca esse indivíduo. Como metodologia a pesquisa qualitativa aplica-se visando consistindo em um estudo de um objeto ou mais (CHIZZOTTI, 2006), com a temática tatuagem, através dos discursos dos três sujeitos/objetos da pesquisa: tatuados, não-tatuados e tatuadores, destacando quando alcançadas suas particularidades, individualidades e a importância do trabalho, na tentativa de compreender os significados e características dos dados coletados. A metodologia trabalhada aplica-se dentro do texto com as descrições das falas e percepções dos sujeitos, fazendo-se o processo investigativo e métodos não se distanciarem e se complementarem de acordo com o decorrer da mesma. Vistos sobre seus aspectos relacionais, ou seja, seus valores educacionais não vinculados aos institucionais, através de observações tidas como educativas do aspecto experiencial, também das relações dos outros e situações vivenciadas e experienciadas pelos indivíduos, eles têm tanta potência quanto à educação formal formar cidadãos e sociedade da mesma forma.

No primeiro capítulo na tentativa de tecer concepções de identidade através do contexto histórico civilizatório até os dias atuais, junto as construções identitárias dos tatuados dentro das concepções diversificadas que ocorreram e vem ocorrendo, fazendo adentrar mais no campo social, político, religioso etc, que envolvem as construções identitárias vigentes, entre outras maneiras, dessa busca de diferenciação dos demais indivíduos e até mesmo dos próprios tatuados, quando estes fogem de recorrer ao catálogo de estúdio, em que o cliente passa a buscar novas ideias de imagens que se relacionam com o seu modo de pensar, agir,

com seu estilo, com sua memória entre vários motivos e maneiras de trabalhar em seu corpo sua própria imagem sendo passada ao mundo e fixada em si. Além do papel que o Outro tem na formação do Eu de cada um, e da entrada do corpo e suas interpelações nas relações do indivíduo para consigo mesmo e para com os ambientes, da diferenciação e criação de estranhos dentro de uma sociedade padronizada, e de seu envolvimento com a arte e o cotidiano em que pertence.

Em seguida no segundo capítulo, aborda-se a questão do corpo e seu papel dentro da sociedade em geral quanto sua maneira de explorá-lo, no caso dos tatuados que experimentam-no para uma afirmação de seu Eu e sua história por meio da imagem. No corpo o indivíduo encontra sua maneira de se expressar de maneira mais abrangente e liberto das correntes morais e sociais, assim se avalia e discute o corpo forma de expressão humana e abertura de novas concepções de manifestação social, e suporte para além de matéria, psicológica, artística, também de conhecimento para a troca de informações através da história contada por sua imagem tatuada na pele e na mente. Da interação do homem com seu corpo e com os demais elementos do universo ao seu redor, com seu cotidiano, produzindo sua subjetividade em contato com o mundo, derrubando e construindo fronteiras. O corpo assim é estudado em três esferas: O corpo-arte, suporte de imagens e textos com elementos discursivos; o corpo-sentido, por meio da tatuagem suas experiências e vivências são inscritas nele, com significações particulares através das imagens e escritas gravadas dando sentido a quem lê; e por fim o corpo-linguagem também conhecido como corpo-discurso, que seria o tradutor das imagens e sentidos nesse corpo. Lembrando que todos compõem o corpo-tatuado, que sem eles este estudo não tem por base: arte, sentido e nem discurso.

No terceiro capítulo, encontra-se a visão dos tatuados e não-tatuados e das intervenções do meio na construção de discurso e de identidade, seria uma maneira de falar que nesse corpo carregado de memória, há a necessidade de retirarem das lembranças e fixá-los na pele para uma inter-relação mais expressiva, inscritos e escritos por mãos profissionais ou por outras mãos, um corpo que serve de base para as memórias subjetivas, mas que expressadas por outras pessoas. Das construções de imagens vivenciadas pelos entrevistados, como os relatos estão relacionados à memória e estas estão envolvidas à identidade constantemente construída. Falas dos entrevistados que compõem e controem todo o discurso da relação dos tatuados, com os não-tatuados e tatuadores e narração de momentos e justificativas das imagens tatuadas.

O quarto capítulo, que mostra os tatuadores como fabricantes de identidade e discursos que se encontram em seus corpos por meio das imagens, sejam elas texto ou desenhos/signos, além de seus aprendizados, contatos e locais de trabalho que exploram sua subjetividade e a dos outros. É importante saber como os tatuados junto com os tatuadores constroem a imagem que será feita sobre a pele, como acontece o processo de busca de identidade através da tatuagem. Quando o indivíduo procura um estúdio para fazer sua tatuagem, faz uma busca pelo serviço de maior qualidade e menor preço, daí começa um dos primeiros embates da pesquisa, o de ir a encontro a um profissional que faça a imagem que este pretendia fazer, mas que por decisão de ambas as partes, tanto do profissional que quer ver sua arte bem feita e com nível de auto satisfação, quanto do cliente que quer ter eternizado em seu corpo, sua marca.

Finalizando com considerações finais e apontamentos para futura ampliação da discussão e exploração da temática.

CAPÍTULO I – IDENTIDADE INDIVIDUAL: CONSTRUÇÃO SOCIAL

Preciso que me reconheçam
Que me digam Olá e Bom dia
Mais que espelhos
Preciso dos outros pra saber que eu sou eu.
(LOPES, 1999, p. 345)

Das principais mudanças que caracterizam a pós-modernidade, uma das mais marcantes na vida cotidiana de todos são as relacionadas à identidade. O conceito de identidade veio se modificando com o passar do tempo, posto que antes se encontrava aliado à posição concreta de algo, posteriormente estende-se para o social. A identidade ganha conotação de produto social não perdendo seu caráter complexo, já que essa ideia de social estava ligada às questões religiosas, políticas, ideológicas, urbanistas etc. (ALVARENGA, 2005). Questões estas que vivem transmutando-se de acordo com as mudanças temporais junto às gerações que vão surgindo. A ligação da identidade como fixa às questões subjetivas não possibilitava aos indivíduos explorarem as diversidades identitárias que existiam. Já não se tratando de vivermos “[...] em sociedades do ‘nós’, mas do ‘eu, pessoalmente, eu’[...]” (LE BRETON, 2004, p. 187), que possibilita ao sujeito tomar o rumo que preferir. Portanto com a individualização das identidades, o corpo se torna um dos mais importantes instrumentos para uma afirmação de um “eu”, antes interior para o exterior, aqui visto através da tatuagem que marca na pele memórias e desejos.

Acredita-se que quando se modifica o corpo muda-se a relação com seu entorno, vivendo seu “eu” a partir dos outros. A identidade sendo relacional, ela reage a partir da convivência e diferença com o outro, estabelecendo-se através da diferença, afirmando sua distinção pelo “o que se é”, e dizer o que somos significa dizer também o que não somos (SILVA, T., 2000). Falar de identidade na contemporaneidade ajuda a compreender a forma como ocorre o processo da formação do indivíduo e sua identificação dentro da sociedade, cujo modo de viver dentro do grupo está ligado às construções individuais, ou seja, com as identidades individuais o coletivo também é identificado por especificidade. No caso do tatuado sua identidade vai se construindo por meio da diferenciação da imagem em sua pele que ganha significado particular, singular. O significado, dependente de sistemas sociais e simbólicos, é produzido através dos sistemas classificatórios e construído em torno da diferença e da maneira como são marcadas.

Na modernidade, o homem se deixa tornar responsável para produzir sua própria identidade, propiciado pelo contexto, na qual a identidade vai se tornando “cada vez mais,

maleável, mais flexível, mais fluída, influenciável a modas, padrões de conduta e comportamentos que mudam com grande rapidez” (CASTELA, 2008, p. 72). Os conceitos sobre identidades e suas vertentes são atingidos pela transformação do mundo, com a modernidade e conseqüentemente com a globalização, tais mudanças sociais ocorridas na virada do século XXI estão intrínsecos às questões de classe, cor, sexo, status etc. que provocaram para além do coletivo, relacionado com o processo de hibridismos culturais e nacionais que alcançam o indivíduo, o núcleo da sociedade contemporânea. Para Ernest Laclau (1990 apud HALL, 2006), as identidades são “posições de sujeito” e a estrutura delas permanecem em aberto permitindo o surgimento de novas identidades, quando o teórico propõe o conceito de deslocamento, afirma que ocorre na estrutura social, a desarticulação das identidades estáveis do passado, e também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos, em que as sociedades que possuem elementos e identidades distintas, de certa forma não se desintegram porque em algum momento são conjuntamente articuladas e sem suas divergências, não haveria história.

A tatuagem sendo uma das variadas formas de autoafirmação do indivíduo, elemento discursivo da identidade individual, discursos estes que são construídos pelos tatuados no processo de realização da imagem impressa na pele. Ela é “[...] a escrita do corpo, no corpo e pelo corpo” (NASCIMENTO, 2003, p. 106).



Tatuagem 1 Mensagem Bíblica Impressa

(Fonte: <http://www.veresarts.com.br/wp-content/uploads/2013/04/andre-escrita-pronto-600x235.jpg>)

1.1 Construções Sociais – Identidade e Tatuagem

Identidade e tatuagem são processos constitutivos socialmente, vivemos em uma sociedade visual em que as pessoas se identificam através dos corpos seja por meio do sexo,

gênero, da cor dos olhos, cabelos, pele, roupas, andar, etc. (MAUSS, 2003) marcas observadas, dentro de sistemas significativos erigidos pelas ideias sociais pré-formuladas (ALVARENGA, 2005) além de classificação estética transpassam a todos os conceitos morais e éticos. E muitos recorrem às modificações corporais – ou *Body Modification*¹ - em geral para destacar sua subjetividade, entretanto sem se desvincular do prazer estético, mas constrói de acordo como sua própria concepção de beleza.

Em contato com o caráter social, a identidade é elaborada historicamente, no qual o entendimento que se tem sobre o assunto, parte do conjunto de memórias, sonhos, sentimentos, experiências construídos da reflexão sobre si através do contato com o outro, e este em seu processo individual também cria sentido para a imagem que o outro vai criando. Por mais que a imagem tatuada tenha significado padrão definida pela sociedade, ganha expressão e significado próprios do indivíduo (re)significando não somente com a tatuagem, mas a si mesmo, quando o tatuado conta sobre a história da imagem ele possibilita ao outro uma parcela de sua história de vida, mesmo no caso de pessoas que tatuaram somente por estar na moda, quando perguntada sobre a história, o tatuado busca na memória uma lembrança que se assemelha à tatuagem ou ao menos resolve o questionamento alheio, portanto por todas as vias, todos têm o que contar sobre sua pele tatuada. Esse ato de pensar sobre o motivo daquele desenho, faz com que os elementos, pele, memória, tatuador e o Outro, constituem a construção do discurso de sua imagem e também identidade, provocando reflexões para si e para os olhares curiosos.



Tatuagem 2 Do Universo "Tatualístico"
 (Fonte: <http://data3.whicdn.com/images/108883077/large.jpg>)

¹ “Conceito utilizado para designar todo tipo de modificação corporal, de um simples corte de cabelo até intervenções cirúrgicas” (PIRES, 2008, p. 2);

Seu significado, dependente dos sistemas sociais e simbólicos, produzido através dos sistemas classificatórios e construído em torno da diferença e da maneira como são gravadas, marcando-se como diferentes em relação ao outro.

Os seres vivos, possuindo organização autopoietica, são capazes de se autoproduzirem continuamente, especificando seus próprios limites, à medida que interagem com o meio em que vivem. Portanto, nota-se que autonomia e dependência se complementam, deixando de ser pólos opostos que não se conciliam. (MENDES; NÓBREGA, 2004, p.126)

Em sociedades como a África negra, os motivos das marcas corporais vão além de ornamentação, destacam a posição social e religiosa, mas que não se restringe somente a esses motivos, não é característico somente dessa área, outros povos também partilham da marca, mas com crença e motivos diferentes, hoje ganham a força do individualismo como sinal de pertença ao seu corpo, diferenciação, memória estampada, homenagem à pessoa amada “a busca dessas marcas agora funciona mais como uma busca de diferenciação, de construção de identidade por aquilo que se distingue” (COSTA, Ana, 2003, p. 12).



Tatuagem 3 Homenagens Nominais
(Fonte: Ateliê 24)

As práticas sociais como as ações, experiências, processos e sujeitos cumprem papéis determinantes para a formação desse mundo que está em construção sob a mudança de cenário social (ORTNER, 1984 apud PEREZ, 2006). A formulação do projeto de se fazer tatuagem está aliada ao processo de definição da identidade, na hora de se decidir qual imagem tatuar, a consciência de que ela vai ficar na pele faz com que este busque em seus

referenciais históricos, noções de sua história pessoal, para escolher o que mais o representa e qual imagem não quer mais apagar da mente e nem da pele.

Assim como o projeto moderno visava o sujeito neutro, “mas encarnado, construído na ação, experimentando limites, devires e incompletudes” (VILLAÇA, 2010, p. 6), não se opondo contra a ideia de identidade já estabelecida, mas possibilitando ferramentas para que o único responsável pela construção de sua identidade fosse o próprio indivíduo, “em vez de falar sobre identidades, herdadas ou adquiridas, estaria mais próximo da realidade do mundo globalizado falar de identificação, uma atividade que nunca termina” (BAUMAN, 2008, p. 193), construída em conjunto diariamente com o projeto social moderno que não se desvincula de sua solidez.

Os estudos teóricos centralizaram-se nos deslocamentos mundiais e culturais, tanto dos lugares quanto dos conceitos que se desencadeavam e que geravam conflitos sociais. “A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990 apud WOODWARD, 2000, p. 19). Na inexperiência em ser independente quanto à (des)construção de um seguimento identitário que eram as culturais, o sujeito pode se posicionar como principiante dentro de seus próprios discursos e ideais. Acaba por ser tornar um anarquismo por que não há mais interesse em manter tradições e sim despertar novas posições rompendo-se com o passado e rigidez.

A miscigenação das culturas e o contexto histórico no final do século XX que envolve as concepções sociais de identidades são considerados como “um caráter de hibridação e colagem às identidades o que evoca uma condição construtivista, de vivência aberta das identidades culturais” (ROSA, 2005, p. 13). Com essa mestiçagem cultural, pode-se ainda desfrutar das multiplicidades étnicas, religiosas, políticas, ideológicas etc. dos demais locais, tentando se distanciar das normas sociais como movimentos sociais e discursos de agentes históricos, que por vezes negam o processo pré-existentes históricos. A tatuagem sempre enfrentou em seu contexto, contradições sobre sua formação, enquanto para algumas sociedades era vista como símbolo de nobreza e quanto para outras, símbolo da marginalidade.

A visão marginal, pejorativa que é aplicada à tatuagem advindo do ato bárbaro – aos escravos e judeus- e de criminalidade – sistema significativo carcerário² “[...] pesou durante muito tempo na sua recepção social, alimentando um ‘certo esteriótipo negativo’[...]”

² Ler em: LE BRETON, David. A tatuagem dos detidos, p. 59. In: Sinais de identidade, 2004;

(CASTELLANI, 1995 apud LE BRETON, 2004, p. 39), mas que perde-se aos poucos devido a chegada da globalização e a expansão dos estúdios de tatuagens, e ela alcança todas as idades, sexos, etnias etc.

A identidade é uma construção imaginária que se narra, estando em plena construção e reconstrução, na qual “a globalização diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentam a ilusão de identidades a-históricas³ e ensimesmadas” (CANCLINI, 2005 apud ROSA, 2005, p. 11). A descontinuidade seria característica do século XXI, da relação indivíduo a-histórico com a história e progressos sociais, pode-se dizer que não se desvincula por completo de seu contexto histórico, mas relembra que ela (a história) não tem controle total sobre a futura projeção desse sujeito, que busca-se construir histórias no presente para um futuro, acessando seu passado. O homem a-histórico seria um indivíduo que a todo custo pretende não usar das referências que lhe são ditadas por uma tradição, este vai “[...] em busca da construção de um futuro para ele inimaginável e que, por isso mesmo, vive intensamente o seu presente” (CASTELA, 2008, p. 80).

O deslocamento das identidades antes centralizadas entorno das próprias culturas, é denominado como crise de identidade por Stuart Hall (2006) no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, que com a mistura das culturas,

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2006, p. 7).

Assim, as identidades constroem e desconstroem seus conceitos enquanto estrutura estável, fixa e unificada, se organizam e se põem em prática suas subjetividades, reconstruindo seu próprio trajeto de identidade, pois o que se projetava na cultura tornou-se mais problemático pela sua instabilidade (HALL, 2006). A relação que estabelecemos sobre a compreensão que temos sobre o nosso “eu”, envolve emoções e sentimentos mais pessoais, conscientes e inconscientes que nos dá as concepções de quem realmente somos (WOODWARD, 2000, p. 55).

A identidade está inserida no social como qualquer atividade humana, acontece o mesmo com a tatuagem, que toma por terra posse da sua importância para o desenvolvimento do homem tanto para si como para com os outros em seu ambiente, mostrando-lhe aspectos visuais apresentados para os demais. Para originar sua identidade, o homem trabalha dentro

³ Termo aproximado: A-histórico: Nega o poder dos movimentos sociais e dos agentes históricos. Nega um processo ou pessoas que fizeram parte da história. (<http://www.dicionarioinformal.com.br/a-hist%C3%B3rico/>);

das possibilidades que existem na sociedade, e dessa busca por singularidade sempre inconstante, se inicia desde o nascimento e só acaba em sua morte. Em uma das oportunidades, este utiliza seu corpo para afirmar sua diferença, seja pelo desenho ou significado, em que o pigmento atribuído em seu organismo se torna elemento constitutivo dele.

A necessidade de diferenciar-se dentro de uma sociedade onde o sujeito anônimo é apenas mais um no meio da multidão começa da transformação interior para a exterior. “A singularidade vai dizer respeito a um traço que pode capturar o olhar do outro” (COSTA, Ana, 2003, p. 19).

A gama fragmentária da identidade e seu caráter múltiplo, mostra que há possibilidade de uma identidade, seja ela cultural ou individual, poder sustentar várias identidades, e assim tornar-se um híbrido (ROSA, 2005). O conjunto de identidades dentro de uma como todo, passa pelo refinamento e assim, as identidades buscadas nos dias de hoje devem poder ser adotadas como roupas na pré-disposição de serem descartadas quando necessárias; se forem escolhidas livremente, a escolha não mais implica em compromissos e consequências, mas que na prática essa liberdade de escolher significa uma abstenção de escolha (BAUMAN, 2008). Em seu aparato identitário, a sociedade fornece formas de se explorar essa área, mas os indivíduos buscam seus próprios caminhos, experimento de seus métodos. A identidade e a tatuagem são processos pelos quais o indivíduo vive em contínua relação aos sistemas sociais de cada época que estão sempre em transformação, consulta-se técnicas milenares adaptadas pela globalização para ter-se experimentações com a variedade de materiais e métodos⁴, a multiplicidade de identidades oferecidas também pelos sistemas globais, que muitas vezes de forma inconsciente e por outras, contraditória.

A identidade é, pois, um conceito multiforme e marcadamente contextual, um termo usado, em muitas ocasiões, pra projectar a nossa posição no mundo que nos rodeia, a nossa consciência do que somos o que nos iguala e o que nos diferencia (CASTELA, 2008, pp. 82-83).

Pode-se dizer que a identidade é a qualidade que faz com que duas coisas sejam idênticas ou iguais, ao mesmo tempo em que é característico das pessoas se assemelharem aos demais, o caráter diferencial é o mais importante, através do sinal tegumentar é possível marcar a diferença, nem sempre tão fácil de decifrar – mesmo que hoje o assunto não seja visto mais como tabu. O conceito vai desde o Registro Geral (RG – documento de identidade), marcas naturais (sinais de nascença, rugas), marcas intencionais (tatuagem,

⁴ Ler em: Primitivos Modernos: O Recorrente Ritual da Ornamentação. Monografia Series No. 37- Do Instituto de Pesquisa Cultural, 2000;

escarificação⁵), até personalidade e subjetividade (reflexão sobre si). Todos são fragmentos da identidade através de suas vivências, e ainda, ou conjunto de todas as características de uma coisa, e por fim a junção de tudo, que definiria a identidade, nesse caso de um sujeito e sua singularidade, o diferencial dentro da sociedade igualitária e autoritária. Ele integra o indivíduo no espaço social com sua singularidade se formulando como tendencioso se ao adaptar-se a novos contextos mesmo estes estando em constante modificação.

As concepções que o termo identidade ganha com os estudos científicos e sociais, tem o indivíduo como sendo constante surgido do conceito de sujeito iluminista, centrado, imutável e fixo em que sua identidade – personalidade e concepções- como afirmava Hall (2006, p. 11) “[...] emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo”.

Em uma concepção sociológica, a identidade é vista como processo de formação perante a interação do indivíduo e a sociedade, que seu “eu real” individual – núcleo interior- não poderia ser “[...] autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura - dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 11). A identidade social, que desempenha papel fundamental na construção das identidades individuais, características que os outros atribuem a um indivíduo, enquanto a identidade individual - pessoal- é a concepção do eu único, com características inerentes como dispositivo diferencial dentro da sociedade com a qual dialoga para exercer sua diferença.

Essa singularidade que ele exige para si passa da ideia do indivisível como Hall (2006) fala da teoria de Raymond Williams (1976) na qual, um “eu real” - o sujeito e o seu interior – o seu exterior e interior eram um só e únicos, portanto ele e sua subjetividade trabalham juntos sem considerar-se solo. As tatuagens seriam uma tentativa de comunicação com o mundo ao seu redor através de sua subjetividade.

Outra concepção de identidade por diferença é a de Paul Ricouer (1988) que trata dessa dicotomia identitária, denominadas por ele como: Identidade *Idem e Ipse*, citado por Malufe (2008), fala que a primeira vem do imutável, fixo, atemporal, acabado e fechado em si; a segunda é mutável, que está em plena construção e fortalecendo que o outro nunca se torna acabado assim, é constitutivo nessa relação de identificação, que não dispensa a experiência, mas a vive de modo construtivo. Por mais distintos que sejam esses dois registros de identidade – *idem e ipse*, nesse caso- sempre se cruzam e alternam, “no lugar da identidade-

⁵ Segundo Thiago Soares (2011, p. 23), “A escarificação é uma forma de modificação corporal que produz marcas no corpo, desenhos e números como exemplo, com base na criação de cicatrizes.”

idem que estamos acostumados a pensar, deveríamos nos esforçar por conceber uma identidade-ipse” (MALUFE, 2008, p. 399), na qual a relação com os outros influencia nessa afirmação do “eu” quando este se vê igual a seu semelhante.

“Nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (WOODWARD, 2000, p. 55). Já que toda prática dentro da cultura e sociedade está marcada, a identidade é divergente se tratando de pessoas e comunidades, e a tatuagem mostra seu valor identificativo, e sua singularidade fica exposta para todos verem, seja qual for o motivo que leva uma pessoa a gravar na pele uma imagem que representa algo, está associado à memória, personalidade, momento vivido, ideologia de vida etc. “São sinais para não se passar despercebido e logo para existir aos olhos dos outros, ou pelo menos se ter disso o sentimento” (LE BRETON, 2004, pp. 19-20), que valem como carga somatória nessa atividade constante. Se para Castells (1999 apud ROSA, 2005, p. 14) toda e qualquer identidade é construída, assim então:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social.

O discurso da cultura nacional “[...] constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro” (HALL, 2006, p. 56), a tradição antes tinha como norma a continuação da cultura sem se influenciar por questões arbitrárias a ela, quando a modernidade desvencilhou os indivíduos de seguirem uma norma rigorosa, não foi capaz de zerar o indivíduo para construir sua identidade dentro das mudanças sociais, então a partir de seu conhecimento de vida e presente a ele se mantém atento a todas as turbulações estruturais atingidas pela mestiçagem cultural, construindo seu caráter a partir de fragmentos culturais que compõem seu cotidiano, fazendo do sujeito um *bricoleur* (LE BRETON, 1999 apud LEITÃO, 2000).

Com a globalização, as identidades nacionais acabam sendo “apagadas” pelo mercado global que cria estilos e imagens midiáticas e vende para os seus clientes/indivíduos, criando identidades e cultura homogeneizadas. E muitos se veem obrigados a não seguir esses comandos, procurando a tão requisitada singularidade, mas de forma alguma consegue fugir totalmente dos caminhos das regras impostas pelos padrões homogeneizantes vigentes, pois, “o sentimento de identidade não é apenas uma emanção do foro interior, mistura-se com o

juízo dos outros, é um factor de relação” (LE BRETON, 2004, p. 150), este reivindica a liberdade para a construção de sua identidade, tomando iniciativa por meio da rejeição das regras que lhe é proposto. Da categorização da identidade a partir das relações de poder: a identidade legitimadora, com um carácter essencialista, instituída pelas instituições dominantes; a identidade de resistência, que seriam as entidades de certa forma essencializadas que representam os grupos contra-hegemônicos; e a identidade de projeto, que é propriamente a perspectiva construtivista das identidades onde os atores “constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade” (CASTELLS, 1999 apud ROSA, 2005, p. 14).

2.2 O mundo dos Estranhos – Diferenciação

Dentro de cada cultura existem conjuntos de regras, formas e estruturas para lidar com os sentidos do mundo social e a construção de significados, portanto cada sociedade classifica seus indivíduos a seu modo e critério. Como os conceitos e estruturas organizacionais e culturais são abaladas pelos acontecimentos da virada do século, o que antes era visto como à margem se torna comum e aceito, o que seria o caso das modificações corporais que vêm cada vez mais ganhando renovações técnicas e utilidades, novas formas de se ganhar singularidade vão sendo exploradas.

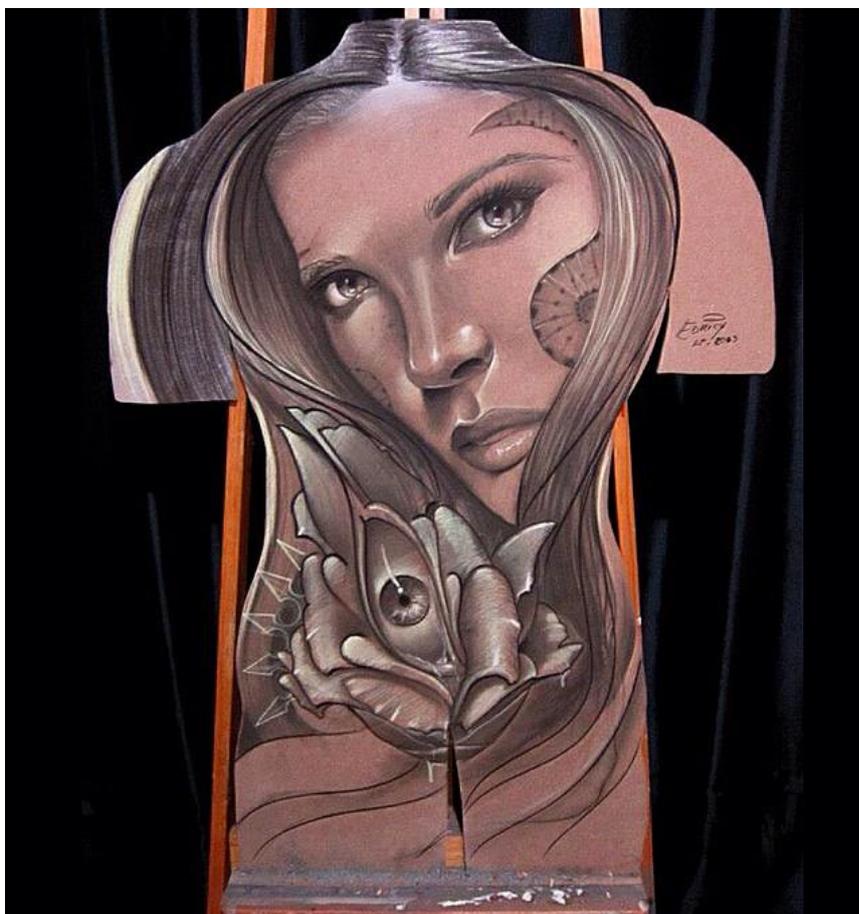
A diferença pode ser construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como outros ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora[...] (WOODWARD, 2000, p. 50).

A libertação dos laços tradicionais, não remete aos laços sociais vigentes, os que não seguem as ordens padrões são considerados os “estranhos”.

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos os três [...] (BAUMAN, 1998, p. 27).

A criação dos “estranhos” dentro da sociedade se dá pela não valorização destes para com os produtos desenvolvidos para a massa como exemplo, cosméticos, roupas, alimentos etc., produtos estes que influenciam no desenvolvimento e relações dos indivíduos para com seus iguais, que manifestam e contrariam os padrões estéticos e autoritários. Entretanto os adeptos da *body mods* passam a viver à margem, zona na qual são reconhecimentos às pessoas

que são “diferentes”, “estranhas”, portadoras de algum mal (PIRES, 2008, p. 2). Restando somente à esfera que cabe a eles como espaço expressivo, a Arte.



Tatuagem 4 Corpo-Tela/ Feita por: Edricy França

(Fonte: https://fbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xap1/v/t1.0-9/10422571_328521840688709_7880819953944788541_n.jpg?oh=f90d937561c61825ab2ffe1c713c2c2c&oe=55303D67&__gda__=1428222395_e0281f531f0b2a1dda16c3c1a51ce196)

Por meio das inúmeras linguagens através de seu suporte primário, o corpo, e seu envolvimento com o mesmo.

O deslocamento do corpo humano da posição de algo passível de ser representado das mais diferentes formas, pelas mais diferentes linguagens, para a posição de algo possível de ser utilizado como suporte, das mais diferentes formas, pelas mais diferentes linguagens. (PIRES, 2008, p 3)

Há situações dentro da arte que a obra não se desvincula de seu corpo-suporte, como seria o caso do artista que é adepto da *body mods* (PIRES, 2008). Frey (2014, p. 1) ao falar da performer Priscilla Davanzo, fala que a artista se lança à satirização da ideia de eterno quanto à aparência estabelecida na sociedade, na qual.

Não há retorno, e o seu corpo construído, com relação ao original, é irrevogável. E qual corpo não foi transformado? Qual corpo foi resguardado incólume, de forma sagrada, sem nenhuma intervenção, tal e qual o original, idêntico àquele que veio ao mundo? Provavelmente, não há.



Tatuagem 5 Priscila Davanzo/ Fotografada por Fábila Fuzetti (FREY, 2014, p. 2).

A partir da afirmação de Davanzo por meio de seus trabalhos é que construímos essa pesquisa cuja temática fala de uma das modalidades dentro da *Body Modification*, a tatuagem. Explorada como elemento constituinte da identidade visual e discursiva do indivíduo contemporâneo. Em um de seus trabalhos artísticos a performance como *As vacas comem duas vezes a mesma comida* realizada em 2000, problematiza a tatuagem –assim como todas as *Body Mods*- como metáfora da imortalidade, que se oferecem com o caráter eterno, durável da parte alterada.

Por seu caráter permanente no corpo a modificação corporal realizada por Davanzo é a principal diferente para com a *Body Art*⁶ por está sempre em exposição (FREY, 2014), assim “não há separação nunca entre a vida e a obra, entre o sujeito criador e o objeto criado” (PIRES, 2005, p. 138).

⁶ Também chamada de arte do corpo, a *Body Art* é uma vertente artística que utiliza o corpo como meio de expressão para realização de trabalhos como exemplo: Happennig e performance. (Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3177/body-art>. Acessado em 28 de dezembro de 2014, às 17h38minh);



**Tatuagem 6 Priscila Davanzo/ Fotografada por Fábila Fuzetti
(FREY, 2014, p. 2).**

Assim o artista e/ou o tatuado como indivíduos da arte e do social, problematizam com sua linguagem e sentido questões relacionadas a seus corpos e os dos outros, por vezes questões inerentes à sociedade, às situações. Portanto, constrói a si mesmo e a sua identidade através da diferença e não semelhança, partindo da ideia de contrapor as estruturas culturais e políticas que impõe nos sujeitos normas a serem seguidas.

E o sujeito quer afirmar sua diferença perante todos e ser reconhecido pelo seu diferencial, libertando de seu consolo moral ou social (LE BRETON, 2004). Se a identidade é uma construção social e simbólica marcada pela diferença, pois, identidade e diferença dependem uma da outra para existirem, o que comprova que a relação com o outro também influencia na formação da identidade, as duas precisam ser compreendidas para que consigam se distinguir dos outros perante as fronteiras erguidas pela cultura, isso caracteriza o processo de construção da identidade. Um diálogo entre o social e o simbólico, através das coisas que as pessoas usam e suas identidades (WOODWARD, 2000).

Essa busca pela diferenciação “que parte de dentro para fora, procurando estampar aquilo que estaria restrito à esfera de um self autônomo, privado e reflexivo” (ALMEIDA, 2001 apud PEREZ, 2006, p. 202) prepara o indivíduo não somente para a expressão estética, mas justifica a prática da tatuagem, somada às razões subjetivas de singularidade, contando

histórias e vivências dele, por mais que não tenham se realizado, mas foram idealizadas, o que explica que de forma ou de outra que faz parte da definição do indivíduo como reconstrutor de subjetividades.

Castela (2008) destaca das concepções de Higgins, detalhes sobre as discrepâncias identitárias, ele trabalhou o conceito sobre identidade individual por meio de três perspectivas, na qual a pesquisadora fala sobre:

O self actual, ou seja a representação que o indivíduo tem sobre si próprio num determinado momento; o self ideal, que corresponde à representação sobre as suas aspirações pessoais, o que gostaria de vir a tornar-se; e, finalmente, o self prescrito o qual corresponde ao conjunto de expectativas que o indivíduo pressupõe que existam sobre si próprio a partir dos conceitos sociais onde se insere. (HIGGINS, 1987 apud CASTELA, 2008, p. 71)

O jogo da identidade durante seu processo de construção passa por várias etapas sem conclusão, o olhar para si, tanto para seu interior quanto para seu exterior, o que vê de si, o que idealiza para o futuro e o que a sociedade pensa sobre ele, que seria apanhado pelo olhar do outro. A reflexão sobre determinados olhares sobre quem é esse indivíduo e qual seu papel social. Ela, a identidade, como elaboração de si mesmo vivenciando com os outros e seus contextos, nasce da necessidade de conquista, aliado aos conhecimentos que já tem com aos que ainda pode adquirir, pois este tenta mesmo que de forma inconsciente das garras da globalização.

O mesmo ocorre na maioria dos processos de realização da tatuagem, primeiramente o tatuado, nesse caso ainda um cliente em potencial, planeja qual imagem tatuar, vai refletir sobre sua importância e se ela o representa em contato com o tatuador ambos irão construir a imagem; segundo, reflexão e idealização do local da tatuagem, pois a muitos são os índices de pessoas que têm tatuagem escondidas por causa da profissão e outras normas sociais; e finalmente a tão sonhada e conquistada tatuagem, que por mais que seja feita por mãos alheias, o que será julgado pelo outro será a escolha da imagem, mesmo que ele não dependa de algum veredito, enquanto ele “brinca de esconde-esconde” com sua tatuagem, dependendo do ambiente em que vive, pois uma tatuagem é feita para o olhar dos outros, e afirmação de si.

Bauman (2008, pp. 181-182) quando explicita Jacques Rousseau afirma que “a capacidade para a autotransformação é a única ‘essência humana’ e o único traço comum a todos nós”. Portanto o individual referente à modernidade, veio carregada com discursos aos quais os indivíduos sem vêm soltos dos laços grupais que envolvem os olhares alheios, na qual cada pessoa é gestor de si mesmo (RAMOS, 2005), ensinando assim, o próximo a respeitá-lo e conviver com ele incluso no cotidiano, a questão da construção da identidade não

passa de um processo transdisciplinar, na qual envolve varias áreas, como: comunicacional, comportamental, semiológico etc.



Tatuagem 7 Mensagem enviada

(Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-ng5p22dytTk/VF_TL7tSmPI/AAAAAAAAACbk/4_cyoT-UJJg/s1600/denantesmortos%2Bcostas%2Blucia.JPG)

Tratando - se de tatuagem ela carrega várias funcionalidades ao corpo: transmitir algo para alguém seja para si mesmo ou para os outros, mas não se desloca de seu potencial em comunicação, histórico- pessoal, manifestação, identitário entre outros que foram problematizados mais adiante. Com a identidade e a diferença em pelo vigor dentro dos enredos da identificação, entra em cena a importância que se dá ao corpo, pois este parece ser o único suporte que se tem domínio. “O próprio corpo parece ter permanecido como o único território seguro para forjar uma identidade” (RIBEIRO, 2007, p. 42) viu-se no corpo a possibilidade de forjar sua tão sonhada singularidade, de modo que ninguém possa intervir na sua decisão, já que a modernidade permite se desprender dos conceitos impregnados nas pessoas.

A oposição do homem se volta para seu corpo, a tal lugar deve-lhe diversas experimentações e transformações que, por muitas vezes e vias, vai à busca da diferenciação dentro de uma sociedade que em as mídias moldam identidades para todos seguirem, exigem que todos vistam “uniformes” padrões que silenciam as identidades, tornando –as invisíveis dentro da sociedade.

Ele, o corpo, constrói assim significados, manifestações textuais que se deixam apreender e significar pelos efeitos de sentido que produzem

justamente ao criar processos de identidade (BITTENCOURT, 2011, pp. 14-15).

Nota-se que o indivíduo toma seu corpo como um objeto que ali pode ser modificado conforme sua necessidade, este é o sintoma do “afastamento do indivíduo da sua trama social e o lugar de afirmação da sua liberdade. Porque ele encarna a ruptura, a diferenciação individual, atribui-se-lhe o privilégio da reconciliação” (LE BRETON, 2004, p. 17), tomada de decisão na qual o corpo tornar-se mais propriedade do indivíduo e não o contrário, como alguns pensam.

Este corpo comunicativo como denomina Villaça (2010, p. 6) é “um corpo apto a criar sentidos, a ser agente de subjetivação e não meramente alvo de uma construção, de uma dominação ou de uma objetivação”. Presta-se como veículo do ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999) para a representação de sua identidade, pois ele está envolvido no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, ele mesmo traça seus limites. O indivíduo que deseja ser reconhecido, “para se destacar do fundo da indiferença, convém, pois tornar-se visível se quer escapar ao anonimato” (LE BRETON, 2004, p. 19). O corpo é utilizado como suporte para se diferenciar dos demais, e muitos utilizam a *Body Modification* – modificação corporal- para assegurar sua identidade e se sentir satisfeito.

A relação da *Body Modification* ou modificação corporal será voltada mais para as práticas alternativas, portanto problematiza-se o valor da marca corporal de pigmentação da pele, a tatuagem sendo considerada marca identitária, que ganha significação própria desprendida da concepção geral, e gera nela sentido particular através da relação com o social, esse é o ponto de diferenciação, explorando e expressando subjetividade e singularidade circulante dentro dos ambientes sociais.

A tatuagem, o piercing, as roupas ou as maneiras de se pentear, de se barbear, de pintar os cabelos ou de exibir jóias, tornaram-se hoje maneiras de construir o sentimento de si, de brincar com a sua identidade para se aproximar de uma imagem julgada mais propícia (LE BRETON, 2004, p. 21).

Essa seria mais uma forma de afirmar sua identidade com elementos que caracterizam uma história construída e sendo reconstruída, constitui-se em “[...] maneiras de construir a relação de identidade e alteridade por meio de seu corpo, ele é, afinal, nossa existência materializada e estetizada” (CANTON, 2011 apud BITTENCOURT, 2011, p. 19). Ela cria novos significados para o indivíduo – igualmente as outras modificações corporais -, se reconstruindo por meios ditos exclusivos. Mas que encontram na tatuagem uma forma de fixar de modo duradouro algo importante que não tem a preocupação de ser apagado.

CAPÍTULO II – CORPO: MORADA DE VIVÊNCIAS

Ventana sobre el cuerpo
 La iglesia dice: El cuerpo es una culpa
 La ciencia dice: El cuerpo es una máquina
 La publicidade dice: El cuerpo es un negocio
 El cuerpo dice: Yo soy una fiesta

Eduardo Galeano. Las palabras andantes. Catálogos S.R.L. 5ª ed. 2001⁷

A identidade é um processo que vai se construindo com o percurso da vida e se adaptando aos contextos que vão surgindo, ela tem por base, a história humana entrelaçada em suas memórias - memória corporal (ESQUIVEL; SANT'ANNA, 2008) -, contadas por diversos meios e elementos sociais, nesse caso por meio das imagens implantadas no corpo através da agulha, traçada com a máquina de tatuar - igualmente a uma caneta no papel-, ali rabisca sua filosofia de vida e ideologia inscritas e escritas, enraizando-se para além de simples lembranças. “Esse corpo textualizado apresenta-se como um aparato a ser lido, interpretado, solvido pelo olhar de admiradores e curiosos” (BEZERRA, 2013, p. 7).

Ela, a tatuagem, marca e grava no corpo e muito, além disso, marca a vida deste sujeito. Afinal ela marca, inscreve, introduz, fura, imprime a pele e a vida das pessoas, de seus fragmentos de vivências, marca suas experimentações e transformações que, por muitas vias e vezes ostentam os feitos na quebra de seus limites e ações, assim ele seria:

[...] construído e reconstruído a partir dos múltiplos processos de interação social em que participa de forma direta ou indireta, e dos quais retira o conteúdo significativo da sua própria interioridade subjetiva (CASTELA, 2008, p. 76).

E o que seria o corpo? Faz-se importante destacar que o corpo aqui trabalhado é considerado lugar de expressão de subjetividade e de questões sociais (CARRETEIRO, 2005), onde de suas relações cotidianas consiga transmitir e adquirir um novo conhecimento a partir de suas intervenções, assim o corpo seria o cartão de visita do indivíduo, que antecede a tudo, até mesmo a própria comunicação, ele se torna o meio de comunicação, na busca pela imagem corporal ideal para si (FLORENTINO, 2007).

O corpo é o mediador do ser-no-mundo que deixou de ser destino da pessoa no qual, o “si” é tomado por “corpo”, o que antes era apontado como indivíduo como um todo, fora convertido em construção de um corpo, ou simplesmente modificação dele (VILLAÇA, 2010). Na contemporaneidade há uma insegurança quanto a sua forma “natural” no âmbito social, que resulta na criação de seu padrão estético individual. Assim as tradições, crenças e

⁷ Trad.: Janela sobre o corpo/ A igreja diz: O corpo é uma culpa/ A ciência diz: O corpo é uma máquina/ A publicidade diz: O corpo é um negócio/ O corpo diz: Eu sou uma festa;

valores são impostos para todos, de modo a classificar uns aos outros, resultando na divisão entre os indivíduos. Não se nasce com cultura, mas o que é selecionado pela elite tende a ser reproduzido e mantido seu status por meio do poder e preferências, além de impor símbolos de tal maneira que não seja possível não seguir.

“Na globalização, todos somos estranhos em nossos próprios territórios, em nossa própria casa, em nossos próprios costumes, em nosso próprio corpo” (RAMOS, 2005, p. 2), desse estranhamento surge o desejo de se utilizar o corpo para falar algo para a sociedade e se afirmar como proprietário de seu território (o corpo). A redefinição de territorialidade plaina para além de áreas ou lugares toma outro sentido conferindo-lhe atenção ao corpo de um “quase lugar” formatado pelas novas mídias, migrações e deslocalizações de poderes.

O sujeito contemporâneo tem o imenso poder subjectivo no sentido da auto transformação e autodeterminação de si, de refundação permanente de um eu, construído e reconstruído a partir dos múltiplos processos de interação social em que participa, de forma direta ou indireta, e dos quais retira o conteúdo significativa da sua própria interioridade subjetiva (CASTELA, 2008, p. 76).

Na tentativa de fugir do domínio global, este se direciona ao trajeto da coleta de conhecimento, mesmo que inconsciente lança-se em meio ao turbilhão de informações que o próprio meio lhe oferece de modo a se tornar soberano sob propostas particulares de direcionamento identitário. (CASTELA, 2008) Já que o corpo fica encarregado de portar a história, ou fragmento de muitas em sua pele, que lhe dão plenos poderes de ocupar posições na sociedade, Sara Panamby Silva (2013, p. 39) afirma que “o ato de imprimir marcas na pele e de definir identidades traz em si uma noção de (biopoder), dos poderes investidos pelo e no corpo” encarado como exercícios de liberdades expressivas individuais.

O indivíduo busca por essa diferenciação, seus laços sociais são mais frágeis a ponto de se afastar do outro, mas sem perder totalmente seu vínculo.

Os sujeitos menos guiados pelo superego deixam que a libido busque suas formas de gozo. E passam a ser mini- empreendedores de si mesmos, de modo que o objetivo principal é fabricar, produzir e consumir gozo. É nesse cenário que o corpo entra em cena (CARRETEIRO, 2005, p. 67).

A forma pela qual cada um se faz necessária satisfazer varia de pessoa para outra e da situação, esse gozo na visão dos tatuados seria a de projetar na pele uma marca significativa. Mas este acaba por vezes carregando o estigma (GOFFMAN, 1998) de marginalizado tanto pelos meios de comunicação que transmitem para o restante da sociedade, sendo que hoje - o que é característico da pós-modernidade -, o tatuado parece não ter um rosto definido (PEREZ, 2006), assim seus corpos servem de ferramenta para a troca de informações e experiências, além de comunicar seus valores e crenças, mostrando sua diferença, e

indiferença sob julgamentos. Nele – o corpo- que seria local de inscrição simbólica de cada sociedade, busca-se uma verdade sobre si, parte dessa premissa a manipulação de sua forma, estrutura, cor etc.

Como forma de distinção social⁸, a tatuagem seria mais um dos elementos do indivíduo para afirmar essa singularidade construída através da imagem corporal, sem descartar os outros elementos passa a complementá-los dentro do conjunto em que se encontra dentro e fora da subjetividade daquele corpo-objeto. O indivíduo o toma em posse como o único objeto ao seu alcance, já que não se separa dele, assim este sofre todas as mudanças, sejam naturais ou intencionais, de modo a não querer se livrar delas. A liberdade que o corpo encontra no agora acaba por determinar seu destino para sua invenção através das discussões, produções que reconfigura seu estatuto de real e irreal, de privado e público (VILLAÇA, 2010).

Nunca desconsiderando sua imagem construída através do olhar do Outro, a imagem que o outro desenvolve sob outro corpo nem sempre é a que nos convém ou nos representa, pois da relação do corpo com a visão do outro se caracteriza pelos fragmentos poliformes e polifônicos.

Poliforme na sua apresentação física transbordante de imagens, de intervenções, tornando assim, uma sociedade em que o normal é ser diverso. Corpos Polifônico no que tange aos discursos que nos dão identidades. Somos corpos-discursos atravessado pelo dizer do outro (BEZERRA, 2013, p. 7).

Merleau-Ponty (1999) fala da consciência sobre o corpo através do mundo, no qual sua existência se torna mais perceptiva por meio de ângulos e faces que os outros objetos o tomam voltas. Para ser notado, o corpo multiplica seus sinais de existência, tornando-os visíveis em si, e este por estar sempre em aviso prévio para modificação torna-se “[...] prótese de um eu em busca duma encarnação provisória para sobrevalorizar a sua presença no mundo, corrida sem fim para aderir a si [...]” (LE BRETON, 2004, p. 19). O corpo objetivado dentro da cultura de consumo está sempre pronto para ser reconfigurado, sendo “[...] capaz de assumir o controle e mudar seu corpo e identidade, uma posição fundamental às narrativas do individualismo, da escolha racional e do comportamento do mercado” (FEATHERSTONE, 2008, pp. 85-86).

⁸ Ler em: BOURDIEU, Pierre. La distinción: critérios y bases sociales del gusto. Madrid, Taurus, 1988;



Tatuagem 8 Narrando uma parada

(Fonte:

https://www.facebook.com/forenseestudio/photos/a.509130942499630.1073741830.508394419239949/737979416281447/?type=1&relevant_count=1)

Portanto, o corpo ganha espaço como interpretativo, vivenciando e sendo a experiência. Enquanto suas performances e seus limites e, como o corpo interage com os elementos do universo ao seu redor, com seu cotidiano, produzindo sua subjetividade em contato com o mundo.

Apesar de essas atividades não fazerem parte da centralidade da vida social e de se situarem no terreno da afetividade, da emotividade e do prazer, elas contêm uma importante potência inovadora: são construtoras de subjetividade (PEREZ, 2006, p. 189).

A questão da *Body Modification* não se trata de um ódio ao corpo e sim, um melhoramento e captação do que é seu, mas que também é fabricado por seu contexto sócio-histórico, como em costumes de algumas tribos indígenas ornamentam-se o corpo para simbolizar rituais de passagem, visando o ressaltado da beleza em mudança corporal que parte de seu interior para o exterior tornando-se praticamente outra pessoa, onde seus limites de medo e dor são postos à prova em vista sua força e passagem para a um crescimento individual, contribuindo como adulto dentro do grupo à que pertence, exercendo uma função primordial no decorrente do número de modificações que este vai adquirindo. Para eles o corpo seria uma tela em branco à qual pintam e modificam com muito primor (SILVA, G., 2007).

Le Breton (2013) fala desse melhoramento do corpo pré-estabelecido pelos padrões de beleza na atualidade, e que poucos procuram pela distinção identitária dentro da sociedade, ou seja, há quem prefere se assemelhar aos demais e ser aceito, ao invés de aceitar-se e fazer-se diferente aos demais correndo riscos de ser rejeitado. Dentro desse labirinto social, alguns se utilizam dessa mesma fonte para se tornar singular, particular, retorcendo o uso habitual do elemento, voltando para a construção de algo desligado do padrão.

Além de erguer fronteiras territoriais, que influenciam no desenvolver do corpo, O corpo, assim como a cultura, também define suas fronteiras com o passar dos anos, por meio

das normas que a sociedade estabelece. Le Breton (2013) fala que as fronteiras corporais são os limites de identidade de si, semeando-a meio a confusão. Que confronta os padrões hegemônicos reivindicando sua liberdade de expressão.

Ana Costa (2003) explica que toda relação envolta nas fronteiras corporais, estão entre o fazer “bordas”, onde se permite a mediação com o ambiente que vive, com o outro e com sua realidade, fazer bordas seria ser parte de uma sociedade e ao mesmo tempo ser estrangeiro da mesma, que é enfrentado nesse exercício de olhar para com o corpo do outro. O corpo tatuado habita o local de “anti-natural”, ou seja, o que não pertence ao corpo como forma inata de sua superfície é considerada anti-natural, assim está na margem da sociedade, mas estes entendem como parte de seu próprio organismo já que esta em sua pele e o identifica como portador da marca.

Entretanto se o corpo é o eixo da relação com o mundo, ele tão pouco é totalmente natural, assim está ligado mais à história e ao social do que a própria natureza, (re)fabricando-se cada vez mais (LEITÃO, 2004). Podemos dizer por marcas naturais, aquelas adquiridas com o passar do tempo e que fazem parte do ciclo de vida associados a cronologia, são exemplos, verrugas, marcas da idade, as reais lembranças históricas da vida do sujeito em questão; e, as marcas intencionais ligadas a *Body Mods*, parte da ideia de implantar no corpo elementos que não são do corpo humano, exemplos, silicone, *Botox*, *piercing*, e no caso da pesquisa a tatuagem se insere nesse grupo, contam histórias das quais seus sujeito não querem esquecer.

Ao mesmo tempo em que a demarcação de fronteiras levantadas pela afirmação da identidade significa fazer distinções entre uns e outros, servindo tanto para indivíduos quanto para grupos. Ela prevalece como discurso de não operacionalidade do corpo, ou seja, o aprisiona em seu templo ininterrupto. “A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder” (SILVA, T., 2000, p. 82).

Há no corpo, marcas de relações amorosas, aniversários, conclusões de projetos de vida, homenagens etc. marcas que demarcam um momento no estatuto do corpo, simbolicamente aprisionando-o como para o não esquecimento. Eles, tanto corpo quanto marcas, constituem a relação com o outro, com a sociedade, através da heterogeneidade que seria a “condição de que nosso organismo inclui símbolos e imagens em seu funcionamento” (COSTA, Ana, 2003, p. 18), de modo que a tatuagem se faz orifício e lhe acrescenta elemento estranho ao organismo compondo – o como parte de seu corpo a partir daquele momento algo necessário e indispensável. Fronteiras que não estão desaparecendo, mas perderam a força, em que a

subjetividade e individualidade tomam seu espaço para o livre acesso ao seu corpo a modo de modificá-lo. “Só depois que os postos de fronteira foram cavados é que os mitos de sua antigüidade foram inventados e as recentes origens culturais e políticas da identidade foram cuidadosamente cobertas pelas histórias de sua gênese” (BAUMAN, 2008, p. 193).

O corpo é o que nos distingue uns dos outros, visto como o suporte da pessoa, um objeto (MERLEAU-PONTY, 1999; LE BRETON, 2004, 2013), e a modificação corporal seria um método de uma singularidade maior para não se tornar anônimo. Além de ser “[...] afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais” (RODRIGUES, 1975, p. 45). Esse corpo-objeto envolve várias questões em sua rotina, ele gera polêmica, comunica um feito e efeito, expressa uma necessidade, constrói saberes, divulga marcas, (re)significa estados emocionais e, portanto afeta seu comportamento em sociedade, sob as formas como é visto e posto no cotidiano. Marca, “[...] que é uma escrita definitiva no corpo, é também a metáfora do desejo de imortalidade por meio da escrita-inscrição—desenho na pele” (CAMPOS, 2003, p. 25).

Matéria que ocupa um lugar no espaço é tomada em primeira instância, pela cultura, também se torna veículo questionador da estrutura social (ABONIZIO; FONSECA, 2010) e exploração na produção de um sentido identitário (PIRES, 2008). O significado de corpo está voltado para identidade, seja qual o caminho dirigido por seu proprietário, seja por meio da estética, do discurso, da diferença, etc. sua significação pode ser captada pelo Outro através da visão, mas nem sempre é decodificado pelo primeiro olhar (ABONIZIO; FONSECA, 2010), há a necessidade de se ter além do contato visual, um contato com a história do indivíduo e de sua imagem.

O corpo como fonte de estudos nas áreas humanas e sociais começa a partir do século XX, Nádía Santos (2011) fala sobre o livro *Corpo: identidades, memórias e subjetividades* das pesquisadoras Mônica Pimenta Velloso, Joëlle Rouchou e Cláudia Oliveira, no qual discussões sobre o corpo são direcionadas de modo a encontrarem uma “dialética do corpo”, situadas em questões atuais sob os olhares circulantes de diversos ângulos e perspectivas, no qual “não se trata mais de aceitá-lo como é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 173). Este é o momento que ele se idealiza para além da matéria, criando consciência de sua existência. “Toda a vida da consciência tende a pôr objetos, já que ela só é consciência, quer dizer, saber de si, enquanto ela mesma se retoma e se recolhe em um objeto identificável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 109).

2.1 Do Corpo transgressor tatuado constituído de corpos

O fundamento cultural a cerca do corpo é designado pelas suas práticas nele, de geração a geração, através das sociedades em seus diversos aspectos (MAUSS, 2003). Seguindo o viés da pesquisa de Bezerra (2013) que fala do corpo transgressor com matizes da arte imerso em sentimentos e sentidos, aparados pelos discursos tanto individuais quanto coletivos, propomos sob sua perspectiva analítica de forma metafórica que o autor divide. O corpo assim é estudado em três esferas: O corpo-arte, suporte de imagens e textos com elementos discursivos; o corpo-sentido, por meio da tatuagem suas experiências e vivências são inscritas nele, com significações particulares através das imagens e escritas gravadas dando sentido a quem lê; e por fim o corpo-linguagem também conhecido como corpo-discurso, que seria o tradutor das imagens e sentidos nesse corpo. Lembrando que todos compõem o corpo-tatuado, que sem eles este estudo não tem por base: arte, sentido e nem discurso. Ainda explorando as “verdades expostas para o outro” que Bezerra (2013) afirma serem situacionais sem serem únicas e particulares, sendo assim não são encerradas e vão construindo sempre outras verdades.

2.1.1 Corpo-Arte

O Corpo-Arte é aquele que transgride as normas estéticas vigentes e cria sua própria forma de vivencia-lo e redefini-lo socialmente. Ele se desvincula das culpas que lhe são impostas e assume características e responsabilidades de suporte artístico - discursivamente modeladas por seu proprietário com elementos imagéticos, “[...] quando falamos do corpo, não descreveremos senão o aparecimento ou a persistência das imagens corporais” (JEUDY, 2002, p. 15). Essas imagens seriam as gravuras e escritas na pele do tatuado além das que as constituem como uma imagem.

Ele é o responsável pela existência física do sujeito lhe fazendo surgir sua imagem corporal tão desejada, por seu caráter visual “[...] os corpos dos tatuados são esculturas vivas, nos quais está gravado o rastro íntimo e pessoal de cada sujeito” (PEREZ, 2006, p. 197). Teóricos como Le Breton (2004, 2013), Jeudy (2002) e Merleau-Ponty (1999) entre outros, tratam o corpo no qual olhares lhe são direcionados, de diversas perspectivas, para que não ocorra o risco de desaparecimento.

A posição do corpo tomado pelas artes visuais é traçado pelas mais diversas linguagens artísticas, pode-se se “traçar um painel sobre a forma como o indivíduo se relaciona com o

corpo - próprio ou de outrem - e o papel que este possui / desempenha em culturas e tempos distintos” (PIRES, 2008, p.3). Suporte das possibilidades artísticas, projeções e construções estéticas pessoais, lembrando que ele não necessariamente terá intenção artística, mas que se remete ao cotidiano, e não é um objeto qualquer assemelhado a outros objetos físicos, ele é a obra viva (MERLEAU- PONTY, 1999). Este corpo tatuado se torna uma galeria de imagens, no qual a pele torna-se uma tela e exige espectadores, mesmo que sejam escolhidos com muito cuidado. O indivíduo que observa a sua tatuagem no espelho testemunha desde logo este desdobramento do olhar, esta maneira de se avaliar a si como outro. Já que vivemos na sociedade do “eu”, o significado que a marca adquire deve-se ao gosto individual, “Não resulta de uma evidência cultural, de uma cosmologia socialmente viva, mas de uma apropriação estética” (LE BRETON, 2007, p. 187). E a tatuagem se transformou, com o passar do tempo, desde sinal distintivo entre os homens, marca de vergonha, de selvageria, sinal de amor, de desprezo, de proteção, de posse, de inclusão em grupos até, marcação de exclusão.

Do sinal se faz estudo da credence e dos corpos nus dos tatuados, o corpo tatuado se apresenta como suporte para a representação simbólica do contexto cultural e social, além de histórico individual e poucas vezes coletivo. E por seu contexto social, ideológico, histórico e cultural que a linguagem se constrói, estando sempre inserida nas experiências vividas. “um corpo que reinventa-se para continuar sua caminhada subvertendo as ações cotidianas do sentir e fazendo-o parar a partir da escrita cravada na pele” (BEZERRA, 2013, p. 6). A tatuagem prova sua transmissão por meio da linguagem vinculada a sentimentos mais íntimos. Através dela o indivíduo, pode se comunicar no mundo, aprovando assim sua existência e marco. Aparenta que tudo está relacionado com poder, controle sobre algo, “e o controle sobre o presente, a confiança de estar no controle de seu próprio destino, é o que mais falta às pessoas que vivem em nosso tipo de sociedade” (BAUMAN, 2008, p. 189).

Preocupados com a construção artística do corpo, teóricos assemelhavam os tatuados convertidos “uma exposição do corpo apenas para ser apreciado como um espetáculo do próprio eu” (SILVA, Sérgio., 2011, p. 244), pela forma que se mostram as imagens em seus corpos sem preocupação com criteriosas na escolha dos desenhos, o que se via neles era

[...] amontoado heteróclito de reproduções em série sobre a pele – verdadeiros decalques onde se enlaçam sereias e dragões [...] produzem uma criação extravagante ou cômica (GROGNARD, 1992 apud PEREZ, 2006, p. 200).

Escolhidos aleatoriamente não seguindo nenhuma temática, ganhando o aspecto circense. “O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo” (DEBORD, 1994, p.

18) e esse espetáculo por uma relação social mediada por imagens vale como não-existência quando não reconhecida ou vista., assim os corpos tatuados que não criam diálogos com seu público passa por não completar seu ciclo de existência social e distinção. Sergio Gomes da Silva (2011, p. 244) cita Sibilia (2004):

[...] a subjetividade estruturada em função do corpo torna-se um espaço constante de criação epidérmica e de expressão do eu. Esse esvaziamento da interioridade e a transformação constante da superfície epidérmica do corpo estão a serviço não só da captação dos olhares como também da espetacularização do eu.

As histórias inscritas na pele fazem parte de uma narrativa que a principio podem não fazer sentido para quem as vê, “vestem-se de cor e imagens e transformam seus corpos em verdadeiros outdoors em movimento a delatar suas experiências, desejos, angústias, irreverência e estilo de vida” (BEZERRA, 2013, pp. 2-3) Sem nexos temáticos entre si as tatuagens são vistas como um emaranhado imagético, que

[...] terá como objetivo atrair o olhar do outro e querer receber forte valência de sua parte. Os pequenos palcos públicos, com seus numerosos espectadores, têm papel crucial na construção do reconhecimento do ato (CARRETEIRO, 2005, p. 66).

Existe a partir de uma multiplicidade imagética de si mesmo. E ainda afirma que “[...] pintar a superfície do corpo é escolher um modo singular de exibição” (JEUDY, 2002, p. 88) essa maneira de se mostrar perante os demais, só reforça o discurso de que ele, o indivíduo, não quer se assemelhar ao seu próximo. Dependendo do local se é amostra ou não para o olhar alheio “[...] trazemos a tona suas experiências, revivendo-as” (BEZERRA, 2013, p. 8). Seria uma forma de posicionamento na sociedade, quando o adepto a esta modificação decide usa-la como livre ou escondê-la com roupas em seu cotidiano.

2.1.2 Corpo-Sentido

Aquele que possibilita ao outro experienciar cada traço inscrito na pele, criando sujeito social no qual a constituição de si está fortemente ligada à do outro, é denominado como Corpo-Sentido, seria este que promove experiências individuais por meio da arte, pintura, da tatuagem etc., que através das impressões imagéticas no corpo saltando a nossos olhos transbordando em subjetividades impressas e coloridas (BEZERRA, 2013). Com base nas iconografias e textos implantados no Corpo-Arte, o Corpo-Sentido remete a via de mão dupla de significados e sentidos, “[...] até porque, é na relação com os outros que reconhecemos o sentido daquilo que fazemos” (CASTELA, 2008, p. 79).

Tatuagem vai além de ornamentação, ela ganha e retribui sentidos ao corpo, uma troca de significados e (re)significações. Assim a tatuagem tem seu significado dentro de um âmbito padronizado social, mas (re)significa com sua própria subjetividade, portanto o sentido da tatuagem é “[...] propriedade do sujeito, é íntimo, só o próprio é responsável por ele. Nenhuma equação pré-existe entre o sinal e o sentido que lhe seja inerente” (LE BRETON, 2004, p. 122). Cruzar as fronteiras erguidas pelo corpo simboliza a instabilidade enfrentada pela identidade padrão, com isso, o homem se vê frente ao seu corpo que constituído culturalmente é movido por suas necessidades e desejos. Assim, ele traça seus próprios.

[...] limites para o melhor e o pior, ergue de maneira instável e deliberada as suas fronteiras de identidade, a trama de sentido que orienta o seu caminho e lhe permite reconhecer-se como sujeito (LE BRETON, 2004, pp. 15-16).

O jogo de esconde-esconde que os tatuados fazem com suas marcas que, por vezes estão localizadas em pontos estratégicos que a qualquer momento se tornam invisíveis no corpo, sendo encobertas quando o ambiente ou ele mesmo lhe convém, mas em outros casos, ao invés de serem ocultadas, “[...] são expostas e utilizadas como significado de autenticidade” (ABONIZIO; FONSECA, 2010, p. 58). Assim, são planejados os lugares para que a tatuagem possa ser usada de modo livre à mostra. Implica-se igualmente uma vontade de chamar atenção, atrair o olhar.

A imagem impressa na superfície epidérmica diz muito sobre o tatuado, mas nem sempre é compreendida de tal maneira. O corpo visual, descrito por Merleau-Ponty (1999), seria a maneira como o corpo é visualizado, que se distancia dos outros objetos volta-se para si mesmo se refletindo ao espelho, mas remete a si mesmo, visto somente em uma de suas faces, no qual não se pode ver todos os seus ângulos ou ele por inteiro, “como se o olhar funcionasse como uma metáfora belicosa, uma arma que invadissem um território” (CARRETEIRO, 2005, p. 68). Como sua relação com o meio que o rodeia é objetiva, isso o torna existente e temporal, ou seja, ele existe em seu tempo.

Relações objetivas e afetivas, sentimentos que perpassam o corpo interpelam à auto-utilização de si como meio de comunicação, onde ocorre à experiência e causas, ele é “horizonte latente de nossa experiência, presente sem cessar, ele também, antes de todo pensamento determinante” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 135- 136). Sendo explorado, o “horizonte” remete-se à imagem e identidade, dentro das possibilidades que o corpo ganha com a visualidade que o conserva e captura-o aos detalhes que vai descobrir os direcionamentos oculares de diversos ângulos, perspectivas e lugares. Mesmo que este corpo carregue todas essas experiências somente pela implantação de imagens é que ele vai

conseguir mostrá-las, “a sua pele de fato é produzida ao longo da vida em cada pigmento adicionado que dão forma a uma gama de sentidos experienciais” (BEZERRA, 2013, p. 1), como se surgisse uma nova pele.

A “pele” desenhada sobre a pele que seduz, brilha, provoca o desejo e, simultaneamente, ratifica o desejo de preservar sob a forma de escrita—inscrição—desenho um arquivo memorial de objetos de desejo esculpidos na pele, a tatuagem guarda “o brilho fálico” (CAMPOS, 2003, pp. 25-26).

Por ser uma manifestação pública, a conclusão da tatuagem se fecha ao ser capturada pelo olhar. Featherstone (2008, p. 84) fala sobre esse caráter duplo do corpo humano, já que “[...] nosso corpo é a plataforma a partir da qual observamos o mundo e um objeto presente neste, o qual também é observado por outras pessoas”, que através da mente se constrói uma imagem desse corpo que irá valorizar a autoestima reforçando sua individualidade e singularidade. Portanto, todo tatuado transmite uma mensagem ao público que o vê, seja intencionalmente ou não,

[...] seu próprio deslocamento no espaço já é um pequeno ato, já que o sujeito tatuado tornou-se um microterritório em carne. Sua identidade está colada em seu corpo. Ele convoca o olhar e alguma expressão verbal ou silenciosa de quem o vê (CARRETEIRO, 2005, p. 68).

O corpo contém informação que seria a imagem que ele carrega, neste caso, para os tatuados seriam os desenhos que carregam, através da subjetividade, relacionando-se com o passado, em que é transmitida pela via imagética. Tendo a tatuagem como meio de comunicação visual, documento a ser repassados sua informação, e o corpo como transmissor/suporte desse conhecimento. Esse corpo-*bricoleur* (LE BRETON, 2004) que movimenta as questões estruturais – como posse - possibilita discussões filosóficas e ideológicas incorporadas de dentro da atual sociedade, “trata-se de fato de mudar seu corpo para mudar sua vida” (*idem*, 2013, p. 10), assim como fala Huan, que trabalha em stúdio de tatuagem em Macapá, afirma que ao sair da sala do tatuador, os tatuados agem de forma como se mudassem com a feitura de sua arte.

Daniel Lins em prefácio do livro de David Le Breton – *Adeus ao Corpo – Antropologia e Sociedade, 2013* – fala do corpo na situação e contexto na qual se encontra - o extremo contemporâneo - a prática do narcisismo e controle absoluto que estão engendradas em seus resultados e buscas excessivas de melhoramento. Esse corpo-bricolagem, termo utilizado por Le Breton para designar as mudanças e possibilidades que o corpo ganha, mostra que

[...] o corpo é pensado como uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa. Ontologicamente distinto do sujeito, torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo, uma matéria-prima na qual se dilui a

identidade pessoal, e não mais uma raiz de identidade do homem (LE BRETON, 2013, p. 15).

Tendo em vista que não é a “raiz de identidade do homem” reforça-se que não se nasce com uma identidade pronta e acabada, mas que vai se construindo de acordo com a necessidade em conjunto com as significações que compõem o sentido que quer ser adquirido, obtendo seu corpo como estrutura a ser modificada.

2.1.3 Corpo-Linguagem

Esse corpo seria resultado/complemento da junção entre Corpo-Arte e Corpo-Sentido, no qual a imagem com significação própria contempla de discursos inerentes da sociedade e de si mesmo. O Corpo-Linguagem ou Corpo-Discurso é comparado à um livro no qual sua “escrita” dá sentido a quem ler, ele traduz de alguma forma e repassa para quem olha de maneira a obter uma opinião, sendo a linguagem uma revelação do ser íntimo, através da subjetividade como manifestação da união com o mundo e os Outros, como diz Merleau-Ponty (1999) quando cita Goldstein (1933) que o uso da linguagem se torna o estopim para a ligação maior entre corpo e mundo, pois ele, “[...] produz sentidos continuamente e, assim, insere-se ativamente no interior de dado espaço social e cultural” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 172).

O corpo é “[...] mídia propagadora de saberes através de sua ação ético-estética no mundo, travando diálogos e discursos que vão para além do entendimento racional” (SILVA, Sara, 2013, p. 32). O “trabalho de construção” começa da vontade de se exercer sua subjetividade no modo prático voltando para seu corpo, no qual ele busca construir sua imagem corporal e a do Outro, pois constata-se que “nem as marcas, nem tampouco os sujeitos que as leem estão fixados numa temporalidade e semântica únicas” (BEZERRA, 2013, p. 3). Englobando os corpos a partir de seus textos, imagens e vivências, conferindo à eles discursos subjetivos. Não se trata de discursos verdadeiros, nem preconceituosos, e sim de discursos que incitam suas marcas identitárias construída no corpo por meio da feitura da tatuagem por via visual e falada.

É na pele que ele trabalha formas de tornar a interioridade, exterior, que se recria, e o que antes era considerado mal visto, hoje a imagem da tatuagem e estigma andam um pouco mais distanciados. Qualquer corpo é julgado caso não faça parte do ideal estético imposto pela normalidade social, passa a ser visto como arbitrário, feio, marginalizado, estranho (BAUMAN, 2008). A visão sob ela se modificou completamente, imperando por vezes, a

visão dos mais velhos sob os corpos tatuados, e discursos de cunho religioso, referentes à Bíblia são provocados, como se já estivesse “tatuado” em suas bocas.

A tatuagem configura o corpo com suas cores e contornos, local onde ocorre a significação de uma subjetividade, dono de uma “linguagem que comunica e anuncia sujeitos outros, sujeitos que cuidam de si para enfrentar o social” (BEZERRA, 2013, p. 8). A exposição de si no cotidiano que muitas vezes se esconde, se apropria de discursos ideológicos para completar sua trajetória imagética. Fatos e experiências são partes de quem somos e de como pensamos, e o registro dessas ações mantêm-nos ligados a ela (CRUZ, 2012).



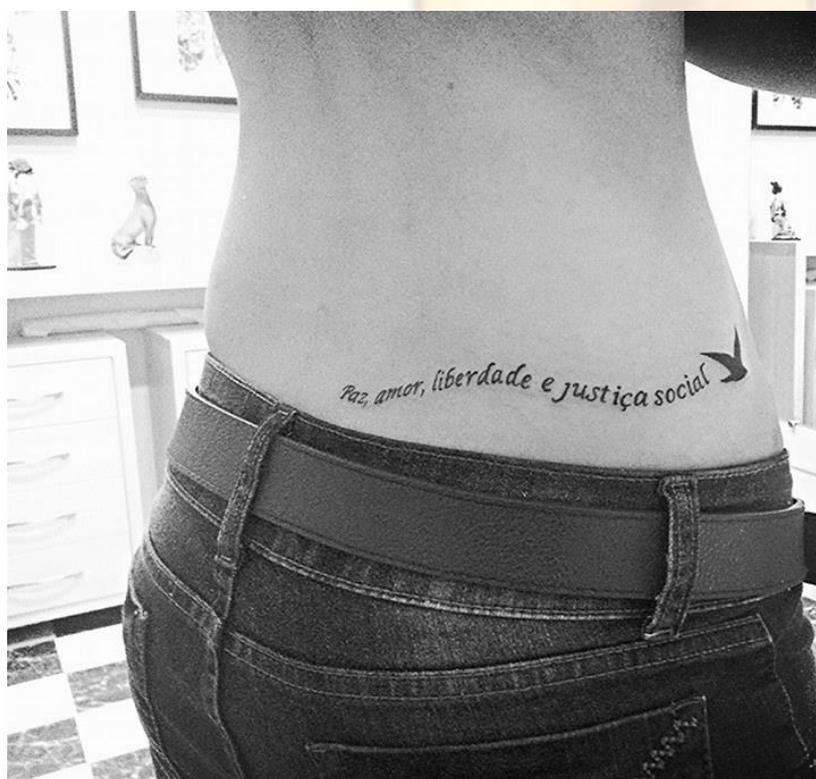
Tatuagem 9 Dos locais estratégicos

(Fonte: https://fbcdn-sphotos-c-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xfa1/v/t1.0-9/10849847_316343888573171_383725281295836254_n.jpg?oh=edb623cff56ba7221d8e928ff6b76760&oe=5537A417&__gda__=1429251655_2159ab631eccd13e137ca173a3a20345).

CAPÍTULO III – MEU CORPO-DIÁRIO ÍNTIMO EXPLÍCITO

Uma palavra, como um diário e um poema,
É invenção, é criação, é fluxo,
A flecha que liga um (dis)curso.
Discurso que forma, mas que (de)forma.
Um discurso que faz falar, que faz colar, influencia, faz tremer.
Flechas discursivas discorrem no diário. (BELLO, 2010, p. 6)

O corpo por ser constituído de imagens converte-se propriamente em uma imagem, portanto configura-se como pertencente: à Arte como suporte de imagem; à sociedade como produtor de sentido e; aos discursos tanto dele mesmo quanto do outro, modo do qual se constitui os sentidos e imagens de sua identidade (FOUCAULT, 1970). Das instâncias do corpo-arte, corpo-sentido e corpo-linguagem partem como união dessas perspectivas no corpo tatuado que operam sem ter maior grau de importância em relação um à outro, são complementar dentro de uma visualidade desse sistema tão complexo que é o corporal. Portanto, os corpos tatuados são geridos a partir das imagens e textos (escrita) em sua superfície e além dela, como arte que carrega significações e sentidos sendo traduzidos por meio do discurso. O corpo multicolorido e interdiscursivo do tatuado se faz necessárias as vivências com outros e suas verdades para formarem-se as suas (PAVEAU, 2010).



Tatuagem 10 Partilha de um sentimento

(Fonte: https://fbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xfp1/v/t1.0-9/q88/s720x720/10344766_349613821853930_8651693334488412150_n.jpg?oh=00b9f5bd844578755236fc345a0ea054&oe=5536E06E&__gda__=1428962759_d5d9c9cfe3f55d85416adc29d5cbcce6)

Fazem-se imagens, sentidos e discursos na produção de um diário em seu corpo (BEZERRA, 2013), assemelhado a um diário de cabeceira onde os segredos mais significativos eram escritos, desenhados, colados e retirados, a pele se transforma em local de escrita de experiências para não esquecer, assim dessas colagens corporais surgem formas, cores e sentidos. O diário seria “[...] uma (des)construção de si, do outro e do mundo que se (des)constitui no cotidiano. Algo para guardar, colecionar, pesquisar e interrogar” (BELLO, 2010, p. 6), e o corpo-diário não se distancia dessa concepção, pois guarda em sua superfície memórias e histórias/estórias que são evocadas, trabalhando na construção de si, este indivíduo busca concordância entre sua imagem e ideologia, conferindo sua atividade e passividade sob a produção de seu próprio “eu”, sob a reflexão de:

Reconhecer-me como sujeito que é e está no mundo foi também reconhecer-me como sujeito-passivo neste espaço. Em um momento altero a espacialidade que me cerca. Em outro, ela me transforma. O meu corpo é meu primeiro limite, o primeiro plano de organização espacial com o qual tenho que lidar (ALBINO, 2013, p. 17).



Tatuagem 11 Dos Fechos e Aberturas do Corpo

(Fonte:

https://www.facebook.com/tatuagem.tatuagens/photos/a.283709008400514.54437.196132000491549/632156293555782/?type=1&relevant_count=1)

Esse indivíduo cria dinâmicas com seu corpo através da imagem e seu local aplicado confronta o observador na tentativa de uma possível leitura, seu posicionamento faz com que este exercite cada vez mais como agente de sua passividade e atividade constante em seu próprio suporte.



Tatuagem 12 Redemoinhos de leituras

(Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-](http://1.bp.blogspot.com/-VKp2H85boFs/UjD0gv_jGaI/AAAAAAAAADXg/6YinFMdKSO4/s1600/7.jpeg)

[VKp2H85boFs/UjD0gv_jGaI/AAAAAAAAADXg/6YinFMdKSO4/s1600/7.jpeg](http://1.bp.blogspot.com/-VKp2H85boFs/UjD0gv_jGaI/AAAAAAAAADXg/6YinFMdKSO4/s1600/7.jpeg))

Enquanto a sociedade de meios de comunicação marginaliza os tatuados e *Body Mods* em geral, ironicamente estes sujeitos utilizam de seu próprio corpo para a troca de informações e experiências além de comunicar seus valores e crenças, mostrando sua diferença, e indiferença sob julgamentos. Já que ele é o local de inscrição simbólica de cada sociedade, busca-se nele uma verdade sobre si, por isso se manipula sua forma, estrutura, cor etc.

Os corpos analisados são individuais e sociais; são marcados e deixam marcas; são vividos e mortificados; são 'o mesmo' e 'o outro'. Possuem marcas de historicidade/ sociabilidade e marcas de sensibilidade/subjetividade (SANTOS, 2011, p. 940).

Para este processo de pesquisa segue-se com a pesquisa qualitativa que visa explorar um caso singular situado na vida real contemporânea e suas particularidades (CHIZZOTTI, 2006, p. 136), tendo direcionamento da interpretação dos fenômenos – especificamente, dos discursos identitários - que empregamos no nosso dia-a-dia (NEVES, 1996). Nesse caso, seria

o mundo da tatuagem sendo especificado pelos discursos dos tatuados, tatuadores e não-tatuados convergindo-se em diálogos levando em conta suas singularidades e subjetividades a cerca do tema.

Como não se buscou enumerar e muito menos, medir eventos de modo estatístico, quantitativo (NEVES, 1996), nessa pesquisa qualitativa não tratamos a generalização discursiva, ou que cada fala simboliza universalmente todos os tatuados, mas sim de tratar os discursos como parte de cada indivíduo em total de sua própria vida, representando sua história, relações e suas modificações, eles além de gerarem novas formas de percepção e de conhecimento, rompem o complexo social cotidiano com sua arte (PIRES, 2008).

Um dos métodos utilizados como caminho que a pesquisa toma para alcançar os objetivos da mesma (ZAMBONI, 2006) foi a entrevista que mesmo não sendo obrigatória, foi requisitada nesta, para a obtenção dos discursos falados, a “propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a ‘provocar’ um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa” (DUARTE, 2004, p. 216).

Entrevista semi-estruturada, direcionada por roteiros, em sistema de conversa informal com método mais voltado para escuta para não influenciar na fala dos entrevistados, os três sujeitos ativos da pesquisa: tatuados, não-tatuados e posteriormente os tatuadores. Além da utilização de recursos materiais como: o diário de campo e gravação de áudio e fotografia, das anotações em diário de campo com questões abertas que foram realizadas durante o período de observação⁹ e das informações fornecidas pelos entrevistados construindo-se mais questões tornando-se assim conversas mais abertas a cerca das experiências de vida e das tatuagens, todo o processo de conversa gravada durou cerca de 20 minutos para cada indivíduo, tanto tatuados, quanto não- tatuados, à maneira que conseguiu-se fluir mesmo com a presença perceptível do gravador. Dos tatuados: Marília Navegante, 26 anos, professora de Artes Visuais, entrevista ocorreu no dia 8 de dezembro de 2014; e Huan Brito, 23 anos, secretário na empresa *Black Norte Tatuagem e Piercing* e técnico em informática, foi entrevistado no dia 28 de novembro, assim de suas falas jorram histórias de suas tatuagens e experiências de vida, que transformaram de seu corpo, sua pele em “[...] pele aparente e protetora colorida, viva, alegre e com sentido” (BEZERRA, 2013, p. 4) determinante para sua vivência com o outro dentro da sociedade.

E do imaginário dos não-tatuados para com o mundo da tatuagem na visão contemporânea, estes se veem em um mundo totalmente desconhecido que desperta

⁹ Acompanhar em: Capítulo IV Do tatuador ao Stúdio: Mediador de identidade, símbolos e experiências, p. 61;

curiosidade, além de interesses. Das entrevistas com 2 não-tatuadas, colaboram: Deyse Byane, 23 anos, acadêmica de Nutrição pela Instituto Macapaense do Melhor Ensino Superior – IMMES; e Mayara Caroline, 22 anos, acadêmica de Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP. Ambas as entrevistadas consentiram a gravação da conversa para obtenção dos discursos, sob o roteiro que direcionava toda a entrevista a cerca da ideia dos não-tatuados – tanto os que conhecem ou não questões relacionadas- com os tatuados, tatuadores e seus locais de trabalho, e, sobretudo, a tatuagem em geral em sua visão empírica. As entrevistas foram feitas no dia 20 de dezembro de 2014, com a duração de 10 minutos, com prévia explicação sobre o que se pretende com a entrevista relatando pontos que serviram de guias para a discussão que era mais ouvida pelo entrevistador. De modo a transcrever as falas incluindo gírias e erros de português, permitindo o acesso aos discursos ditos pelos sujeitos de maneira a justificar os posicionamentos da pesquisa e dos entrevistados.

“A imagem como representação ‘idéia’, é relevante não exatamente por seu conteúdo particular, mas pelo que ela é capaz de dizer do sujeito, do seu interior” (Perez, 2006, p. 185). Está em contato com as imagens é construir um novo aprendizado, através da experiência, tratando a imagem como fonte visual capaz de informar, instruir e revelar um pouco sobre o indivíduo que a porta, sobre o seu redor e sobre nós mesmos. Discorre-se a ideia de que a aprendizagem seria um processo individual, solitário, único, mas é na interação propiciada que origina-se a redescoberta de conceitos e novos conhecimentos. Marília incentivada por outra pessoa buscou na tatuagem “fazer algo para si, por si e sobre si mesma”, transformou um texto autobiográfico de sua própria autoria em imagem a ser tatuada, a que relata ser algo particular, íntimo, que reflete esse “eu” a ser transmitido, um “ser eu, uma pessoa que não conheço totalmente, que esteja em construção, creio tanto nessa coisa de construção mesmo, que as palavras dizem mais ou menos isso” (MARÍLIA NAVEGANTE).



Tatuagem 13 Escrita Epidérmica /Fotografada por: Lana Maiara

O outro tatuado a ser entrevistado, Huan Brito, 23 anos, secretário na empresa *Black Norte* - stúdio de tatuagem e piercing – e técnico em informática, mora em Macapá assim como Marília, além de ser “apaixonado por tatuagem” como Huan mesmo descreve. Está iniciando na área como tatuador aprendendo o básico com seus colegas de trabalho – ao qual abordaremos no seguinte capítulo – nesse momento o que interessa dele são suas tatuagens que cobrem os dois braços, mãos, peito e coxa, descrevendo cada uma delas como fases de sua vida, momentos aos quais sempre quer lembrar, que além do significado geral e tradicional que cada uma tem como padrão, ele atribui significados próprios inerentes à experiência de vida.

Primeiramente, da imagem mais complexa em seu corpo, encontra-se um híbrido de rosto sereno de uma mulher que observa o outro e a escada que vai da base do desenho passando pelo rosto e terminando acima da cabeça da mulher, explica que a imagem significa o caminho que este percorre para alcançar o próprio “eu”.



Tatuagem 14 Alcance do "Eu" /Fotografado por: Lana Maiara

Assim “[...] sob a forma de pequenos relatos, fragmentos de experiências, obsessivas mensagens em curto-circuito; elaboram marcas de uma narração que se impõe” (NASCIMENTO, 2003, p. 101), relata sua própria jornada em rumo ao seu “eu interior”, mas um “eu” que Huan se limita a falar e pouco sabe explicar. Em uma das conversas este fala que da primeira da tatuagem feita, o impulso de fazer outra vem logo após o término desta, que a partir desse ponto vai tornando um vício, desse construto do corpo através dos desenhos em seu corpo - já que se trata de preferência sua – em algum momento de sua vida, este se viu em uma carência exagerada de tatuagem nova:

Desde os 17 anos [...] eu sempre gostei, né? Fui apaixonado, só que eu não podia fazer, me proibiam, minha família não gostava, eu era apaixonado louco, gostava em quem tinha, admirava, tinha inveja [...] pelo fato de tu ver pessoas tatuadas assim, tu já tinha vontade de fazer, então, tu já escuta aquelas bandas de rock, e via aquela galera tatuada, pô bacana, e assim vai começando, né? [...] aí vem aquela paixão obsessiva por tatuagem.

O “eu” existe primeiro como um eu corporal, e ele só é explorado, vivenciado a partir das experiências de sua superfície (RODRIGUEZ, 2011) mesmo sem se dá conta disso, este

tem como seu corpo laboratório de si. Os pontos visíveis de seu corpo são pensados as tatuagens que coleciona traços e cores de modo a organizar uma narrativa (MERENGUÉ, 2009).

“Nesse sentido, o ato de ser tatuado pode ser compreendido como um processo de construção corporal e vivencial” (PEREZ, 2006, p. 201). Onde o ambiente em que é habituado a frequentar é convertido em olhares que questionam sobre suas escolhas, construindo-se através do texto impresso no corpo, sentidos obtidos das experiências praticadas ao longo de seu viver (BEZERRA, 2013). Para Deyse é possível perceber em sua fala que a imagem desperta no outro a busca por um significado, que por vezes é perguntado pelas pessoas. Ainda reflete sobre as pessoas que querem fazer tatuagem que organizam suas marcas para homenagem a time de futebol, nomes em alguma parte do corpo, “assim não vale a pena fazer” completa sua fala. Assim descreve uma situação com um tatuado:

Quando eu vi, eu perguntei pra ele por que ele tinha feito aquela tatuagem, um dragão assim na costa, ali ele disse que não sabia ele tinha visto em algum lugar e tinha gostado, eu vou te falar a verdade, eu não achei aquela tatuagem bonita e também é aquilo que eu sempre falo, a tatuagem para mim quando tu for fazer, para mim não é uma questão de estilo, é questão de personalidade, eu não vejo tatuagem assim, tu fazer por fazer, e ele fez, por que acho que ele nem gosta acho que se ele pudesse tirar, ele tirava.

As imagens que se desprendem de sua superfície, nos intrigam e questionam por que nos interpelam, por serem marcas que não fazem ausência, parece “de alguma maneira ‘fazer figura’ para que, no enlace ao olhar do outro, possa significar outra coisa que a materialidade do corpo” (COSTA, Ana, 2003, p. 135). Campo material que o uso da tatuagem interpela provoca questionamentos, modifica forma de vestir, atrai atenções e olhares curiosos.

3.1 Feitos e Efeitos na pele

Há situações sobre a feitura: das tatuagens feitas em locais não visíveis a todo mundo, e das que podem ser encobertas e descobertas de acordo com a necessidade do tatuado, hoje pouco se busca esconder, somente em caso de específicos como exemplo, entrevista de emprego. Localizadas em pontos visíveis, as tatuagens são deixadas à mostra para se ter reflexões em aberto para qualquer:

Justamente para as pessoas verem, é essa a intenção, que eu ando de ônibus toda vez eu tenho que me segurar, tô em pé, é proposital também a forma de deixar bem visível para a pessoa ler. Eu causo alguma coisa nas outras pessoas e já aconteceu muitas vezes, como eu ando muito de ônibus mesmo, é muito bacana ver a reação das pessoas, fazer com que elas pensem, não é

só ver a reação, fazer com que elas pensem no que estão lendo, muitas delas levam ao pé da letra aquilo que tá escrito [...] (MARÍLIA NAVEGANTE).

Através da linguagem este indivíduo pode se significar e buscar esses elementos significativos de modo a complementar seu discurso que não se fecha, dando sentido a prática do homem quanto sua temporalidade e espacialidade através de suas relações, portanto o corpo aqui tratado é apenas meio para se chegar ao discurso que carregam e constroem os tatuados. O que resulta no funcionamento do discurso são as projeções de imagens lançadas pelo indivíduo, significando além de sua identidade, conhecimento, ordens, desejos etc. “São essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições dos sujeitos no discurso” (ORLANDI, 2007, p. 40).

Da experiência com tatuagem que Mayara descreve como sendo a roupa daquela pessoa, em que esta funciona como identidade de indivíduo, principal forma de visualização:

Experiência com uma imagem de mago, era um mago enorme nas costas de um cara, e que era um DJ, o DJ Mago [...] o interessante era que ele era reconhecido dessa forma, conhecido pela tatuagem, as pessoas que se referiam à ele já se referiam para a tatuagem, [...] o que significa para ele eu não sei, não tenho ideia, mas o que me marcou nisso, o fato das pessoas identificarem ele a partir das pessoas identificarem ele a partir da tatuagem, era como se fosse uma capa, ele nem usava camisa [...] era algo na vida dele diária mesmo, ele andava sem camisa por causa da tatuagem que era tudo.

Conseqüentemente quando vista e quando fica a amostra, a tatuagem ganha abordagem comunicativa própria do corpo, dos discursos, portanto se fazem: um produtor (quem faz presença- o tatuado), um receptor (quem o observa), uma forma (de sua materialidade- tatuagem em seu suporte) e uma interpretação (de seus sentidos e discursos – tanto do indivíduo portador, quanto do observador). O tatuado lança signos e constrói seus discursos materializados no corpo, o outro o recebe e capta traduzindo à sua maneira, como descritos pelos não-tatuados sob sua visão da tatuagem que buscam na memória. E o discurso dentro desse circuito é um dos elementos mais importantes, “É este mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 1986, p. 56) e, dentro dele o indivíduo - seja o produtor ou receptor - constrói sua própria verdade.

O corpo tatuado além de interpretar o mundo e os acontecimentos à sua maneira, ele produz sentidos em articulação com a sua trajetória de vida e sua condição social. Ao olhar cada sujeito tatuado, trazemos a tona suas experiências, revivendo-as (BEZERRA, 2013, p. 8). De sua relação com o olhar dos outros, fala que:

A maioria mesmo, elas estranham, elas tem uma opinião, mas elas nunca falam a opinião, elas só fazem umas expressões do tipo: “será?”, “como

assim homem ou mulher?”, isso é o meu entendimento em relação as expressões delas, né? (MARÍLIA NAVEGANTE)

Aqui o estranhamento da tatuagem sobre a sua escrita reflexiva, provoca para além de impacto, indagações, enfrentamentos da parte dos observadores que se fazem presente no discurso da tatuada por suas atitudes. Mayara fala de um projeto para a feitura de sua tatuagem que foi despertada por uma situação quando viu um tatuado.

Tenho um projeto, que é uma ideia que é despertada por um tatuado e a imagem que eles me passam é uma imagem assim: por que não? Por que eu não posso fazer? O que me incitam a perguntas, me despertam desejos de fazer, e por eles me incitarem essas perguntas e me despertarem esses desejos, eu tive essa ideia de fazer uma tatuagem que se chama: Marcas no corpo, marcas do poder”. A minha ideia era fazer ela repetida várias vezes, como uma forma de pensar de refletir, de fazer com que fizesse as outras pessoas pensassem também, por que é isso que eles me causam, sabe? (MAYARA MARQUES)

Há todo um preparo para a obtenção de novas marcas, ambas não-tatuadas levantaram essa questão do “pensar antes de fazer” em que “as pessoas continuam fazendo tatuagem por que pensam que tá na moda, não sei, vê uma coisa e querem fazer aquilo, tipo, não tem visão delas mesmo sobre tatuagem[...]” (DEYSE BYANE).

Estranhamento semelhante ocorre com Huan nas ruas, ele conta que já aconteceu de ser abordado pelas pessoas em relação ao seu número de tatuagens, as partes mais visíveis são seus braços que estão praticamente “fechados”¹⁰, o lado esquerdo uma figura de uma mulher em temática miscigenada à escada e cenário sombrio no estilo realista¹¹, e o braço esquerdo tomado por figuras orientais, como Hannya e flores, lugares sempre visíveis, combinados às camisetas que deixam suas tatuagens sempre à mostra, há um equilíbrio de pessoas que elogiam as tatuagens e pessoas que o criticam. Discursos direcionados a ele em relação ao trabalho, discursos religiosos, morais - pois a tatuagens eram relativas à crime, por mais que se tenha desprendido desse conceito -, futuro, entre outras.

3.2•Registros Memórias: Aprendendo através do Outro

O sinal de pertença protetor marca a pele de muitos. Como no caso de Huan que gravado em todos os dedos de modo a forma a palavra *OVERGOME*, que traduzido do inglês segundo o próprio entrevistado significa: SUPERAR faz-se uma espécie de amuleto que o incentiva nas horas mais difíceis, onde “basta olhar para mão, a mensagem está lá, para

¹⁰ Gíria utilizada no circuito de tatuagem como ter o corpo coberto por tatuagem em toda a extensão;

¹¹ Com traços complexos, abusa dos sombreados e da tridimensionalidade. Muito usado para retratar alguém que se queira homenagear.

superar, algo que não deixa desanimar”, fala de problemas pessoais, dos objetivos a alcançar, mas sem muitas explicações, só termina a conversa com: “oito letras para descrever o todo[...]”.



Tatuagem 15 “oito letras para descrever o todo [...]” /Fotografado por: Lana Maiara.

A linguagem apropriada por Huan através da significação

Com o uso de adornos que transpassam o corpo, a proteção transitória que o indivíduo sente quando usa algum acessório carregado de valor simbólico – como as máscaras usadas em rituais nas sociedades pré-letradas, por exemplo- é substituída por uma proteção potencialmente permanente (PIRES, 2005, p. 170).

Assim tem-se o cuidado no planejamento do corpo estes indivíduos tanto tatuados, não-tatuados que pretendem fazer uma algum dia, tem visões de seus corpos traçando metas, planos para futuro (PEREZ, 2006), muitos tomam cuidado para não se tornar um emaranhado de imagens sem nexos com as outras, passa-se a buscar ligações entre elas, tomando forma como se fosse uma só. Assim explica que das tatuagens de seu braço esquerdo não as considera como várias, e sim um conjunto, uma só, cuja temática segue-se a tatuagem oriental.

Há uma pesquisa antes da feitura da tatuagem, na qual o seu significado em termos culturais não são perdidos, mas atribuídos junto ao significado individual e particular de acordo com momentos da vida. Ele conta a história da carranca em seu braço pelo viés: da carranca e da Hannya (oriental). Por serem motivos populares, ambas simbolizam proteção

peçoal, para afastar maus olhados e males, boa sorte. Explica ainda que dependendo de sua cor, as flores têm distintos significados, mas em geral simbolizam proteção, seguindo essa perspectiva e via, as suas flores (uma flor de lótus sem cor perto do cotovelo, e outra flor vermelho na base perto da mão) também simbolizam proteção além de beleza.



Tatuagem 16 Dos orientes – Hannya /Fotografado por: Lana Maiara

Do significado da Hannya, que foi a história que mais gostou de falar, fala que são mulheres que vão à busca de algo que realmente querem, mas que no conceito budista estão relacionadas aos sentimentos, segundo Alex Costa (2011, p. 95).

São sentimentos humanos que como a paixão, ciúme, ódio, confusos transformam humanos em monstros. Utilizadas em teatros japoneses expressavam identidade e humor aos personagens em uma era tradicional. Geralmente representam uma mulher vingativa, com raiva e inveja capaz de transformá-la em demônio, monstro. Usadas para descrever o estado de espírito, caráter e temperamento.

Através dos fragmentos imagéticos e imaginários todo o preparo e discurso vivem no campo exploratório da experiência e criação. Na pele é onde o indivíduo - sujeito de seu discurso - implanta suas memórias que constituem a sua história cravada através da agulha que se faz escritura seja por imagem ou letras, rabisca ali, naquela superfície vestígios de sua ideologia além de ornamentar-se para valorização de sua estética. Isso prova que quando se pensa em fazer tatuagem este averigua primeiramente o significado geral da tatuagem, depois

atribui sua subjetividade quando contada aos demais. Há um projeto preparado pelo tatuado, pois quando se vai a primeira vez ao stúdio, pensa em como sairá, e qual será o próximo desenho, com expectativas e planos futuros, reconstruindo sua história pessoal. Através do desenho na pele, eles acabam por desenvolver,

[...] uma rica narrativa de episódios, vivências, referências afetivas e emotivas em que a personagem central eram eles mesmos, como uma forma de recriar o próprio imaginário e de transcender no mundo (PEREZ, 2006, p. 201).

Da linguagem, este indivíduo vai se criando através das interações e partições próprias, assim ele pode se comunicar os demais, utilizando-se de signos e elementos cognitivos ou não, mas, que se considera que toda experiência há cognição. Reconhece-se a importância de tratar do conhecimento que emerge do corpo a partir das experiências, sistema que envolve corpo e sentido como instrumentos no processo do conhecimento das relações com o entorno. “Um conhecimento pautado numa lógica sensível que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, linguagem do corpo em sua polissemia biocultural e histórica” (MENDES; NÓBREGA, 2004, pp. 135 – 136).

Fazem-se pensar sobre esses corpos e seus discursos, Foucault (1970) com o jogo que envolve o discurso, cabendo respectivamente à escritura, à leitura e por fim faz-se troca. Através dos discursos do outro podemos aprender e desenvolver aprendizagem. O discurso na maioria das vezes já se habita desde o processo de pensamento sobre a imagem, ou em vezes, este só produz quando materializada na pele, mas não deixa de ser pensada sobre seu percurso, seja vivenciando ou vivenciada, em construção e troca de informações, que se entrelaçam com os gestos e gostos, para além do comportamento dentro do conjunto de signos definidos através do contato. A análise das tatuagens como imagens parte da observação e contato com o tatuado e o tatuador atentando para o processo em que esta começa a ser gerida junto ao tatuador em stúdios de tatuagem, com fins de formular novos conhecimentos a partir das subjetividades, nas qual o que seria a relação do símbolo com a construção de identidade, e qual o sentido de se tatuar, de se diferenciar.

A preferência por uma marca original se distanciando das imagens tidas como algo recorrente em outras pessoas, Deyse Byane que não possui nenhuma tatuagem pretende fazer, mas ainda se encontra indecisa sobre a imagem tem por preferencia desenho, pois se identifica mais com este do que com a escrita.

Quando eu fizer uma tatuagem eu não quero nada que já tenha, eu quero coisa que tenha haver comigo, posso pegar alguma coisinha, tipo, não modelo, mas inspiração daquela imagem, algo que tenha gostado, não igual,

eu não quero, eu quero uma coisa minha, que eu crie, ou ele me ajude a criar mais não quero nada que tenha (DEYSE BYANE).

Através do contato com a experiência do outro é que há a redescoberta, sua própria experiência, essa transferência de conhecimento pela interação verbal (fala) e simbólica (imagem) acontece aqui, assim como falam os não-tatuados, os tatuados e os tatuadores. Aprendizado conhecido por Educação Informal, na qual

Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência (GASPAR, 2002, p. 173).

Partindo desse tipo de educação, de troca de experiência, o sentido das tatuagens é erguido através da construção ou desconstrução da imagem, da situação e da interação, contudo o diálogo que ocorre entre imagens e discursos foi explorado de maneira a focar na significativa construção da história e estória da imagem com sua vida, pois ela carrega uma mensagem que pode ser lida pelo outro, pertencendo sua particularidade subjetiva .

Das experiências, dos percursos do corpo, vêm seus aprendizados, focando em retratar o corpo como Florentino (2007) aborda considerando ideal a retratação do corpo como objeto da educação, reconhecendo que emerge dele conhecimentos a partir das relações experienciais e interpessoais com o que ele vivencia, não tratá-lo somente como matéria isoladamente, mas abordá-lo sob qual contexto está inserido e o que utiliza como discurso para a construção de sua identidade, aqui subentendido como a tatuagem faz-se marca identitária. Relações tanto na autonomia e anatomia (LEITÃO, 2004), quanto a dependência do meio, ou seja, da sociedade e grupos com quem convive para fechar o significado de sua imagem corporal. O homem tende a buscar por meio de experimentações vivenciar o que lhe é dado, de modo a obter conhecimento sobre tudo o que tem alcance (OLIVEIRA; TRINCHÃO, 2000).

Se o discurso do tatuado é constituído primeiramente por memórias, lembranças às quais são denomina pré-discursos (PAVEAU, 2007), o discurso em si é a materialização do conjunto de lembranças e formulação de ideias sobre algo, configurados pela percepção e interpretação do mundo. A autora defende que o meio no qual o indivíduo se faz presente designa além da perspectiva da cognição social, os saberes, crenças e práticas desse sujeito e suas relações.

Nessa ótica, o homem constrói quadros cognitivos na sua interação com o ambiente exterior, material, sendo que os agentes psíquicos não são apenas internos, mas também externos e, por vezes, não humanos: uma caderneta, um mapa, uma lista (PAVEAU, 2007, p. 313).

Da organização ocorre a partir dos conhecimentos por meio do corpo assim a comunicação que ocorre entre os discursos sobre o corpo, acaba por resultar na criação de novos discursos, mas o do outro, de seu leitor. Assim de seus alunos e de outras, Marília fala que quem olha a tatuagem geralmente espera por uma justificativa e explicação sobre a imagem escolhida, por mais que construa algum significado esperam pela explicação do próprio tatuado, para depois falar sobre o que pensou, e nem sempre é dito. Fala ainda que somente quatro pessoas leram e refletiram sobre a sua tatuagem, mas que fizeram-se silenciosos seus entendimentos. E das reações de seus alunos comenta:

Quando eles me conheceram eu não tinha nada, tudo limpo, digamos assim, quando eu entrei na escola, com essa tatuagem... Nossa senhora, uma festa, mas a mesma reação leu, pensou, mas não falou. Eles pediram aliás, uma explicação depois, aí eu fui falar, comentar sobre minha tatuagem. Só depois de eu falar, eles nunca falam uma coisa primeiro (MARÍLIA NAVEGANTE).

Ter o contato com a tatuagem, tanto lê-la ou produzi-la permite a quem ler ou a quem faz a possibilidade poética de interpretação ou subjetivação, mas estas muitas vezes querem mais que o seu portador – o tatuado – revele seu significado, mas que depois esse é levado ao ambiente de reflexão.

A palavra, falada e escrita, é a base da comunicação desses dois meios. Enquanto o primeiro pressupõe um interlocutor e é utilizado para que haja uma troca de informações, o segundo pressupõe um momento introspectivo, uma reflexão solitária (PIRES, 2005, p. 168).

Da aprendizagem que ocorre na interação com esse em torno através do corpo (MENDES; NÓBREGA, 2004) a interpretação, a leitura dessa imagem passa por avaliações a partir de suas próprias experiências. Assim, “[...] ter um corpo como uma tela, onde os agentes sociais interagem a partir de leituras, de vivências e de olhares, produzindo-o com sua intertextualidade e interpretações tantas” (BEZERRA, 2013, p. 4). Mas a interpretação de quem observa e reflete sobre a imagem tatuada, não se trata de uma visão ingênua, pois todo indivíduo está ligado ao seu passado, experiências usando-os como referência a cerca do que vê, construindo significados distintos dos tatuados.

O olhar se faz pelo corpo num entrelaçamento de sentidos, percepções e consciência. Neste sentido o olhar não apenas vê, ele olha, toca, sente e compreende o mundo e principalmente o é, com o mundo (ARAÚJO, 2007, p.17)

Os passos e registros da vida são muitas vezes marcados na pele como memória corporal (ESQUIVEL; SANT’ANNA, 2008). Ela, a tatuagem, marca e grava no corpo e muito, além disso, marca a vida deste sujeito. Afinal ela marca, inscreve, introduz, fura,

imprime a pele e vida das pessoas. “Logo, a tatuagem carrega em si o desejo de conservar sob a forma de escrita uma memória, uma história, uma cultura, um traço sobre a pele” (CAMPOS, 2003, p. 26).

Huan explica que a rosa desenhada em sua mão esquerda em estilo *old school*¹², quanto seu significado geral significa amor, e cada cor significa algo, e por não existir rosas naturais de cor azul, ela significa algo impossível ou perdido, perda de um amor, término de namoro— nesse caso deixa claro que não se trata da pessoa em si, e sim dos momentos bons que sempre lembra -, a não realização de algum projeto, sonho etc.

A tatuagem hoje, mais do que uma marca estética ou um amuleto de protetor, representa um prolongamento da mente. O indivíduo que a adquire transfere para ela a memória de um fato ou de uma situação. A lembrança, que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele (PIRES, 2005, p. 85).



Tatuagem 17 Momentos perdidos, Jamais esquecidos... /Fotografado por: Lana Maiara

Por carregar aspectos narcísicos, a tatuagem busca em seu próprio a auto-satisfação estética, admirando a si próprio. Nesse mostrar-se a si mesmo, ele encontra prazer de sua existência, que é trocado para mediação identificável, se pondo em frente aos demais, assim no movimento em torno de si para atrair o olhar do outro é feita a troca de informações e

¹² Conhecida também como Tradicional, com cores vivas e chamativas;

prazeres (RODRIGUEZ, 2011). Na interação do sujeito tatuado com o mundo este se faz aprender tanto com os outros e os meios, quanto isso acontece com os que o observa, através das possibilidades sendo experienciadas ou vividas. Sem essa interação não há aprendizado, sem essa experiência corpórea.

Rago (2007, p. 57) quando fala da experiência do “eu” através do outro, cita Vernant (1981) em que

O eu não é nem delimitado nem unificado: é um campo aberto de forças múltiplas [...] essa experiência é, sobretudo, orientada para fora e não para dentro. O indivíduo se procura e se encontra no outro, nesses espelhos que refletem sua imagem e que são para ele cada *alter ego*, parentes, filhos, amigos (grifo da autora).

Da relação indivíduo e seu próprio corpo e o do outro, parte da lógica sensível manifestado pela percepção. “Nosso corpo é um nó de significações vivas” (NÓBREGA, 2007, p. 92) permite a comunicação com outra singularidade as dos demais, construindo assim conhecimento, convivendo com limites, incertezas e discontinuidades desse conhecimento e da própria realidade, mas sempre na tentativa de superá-los.

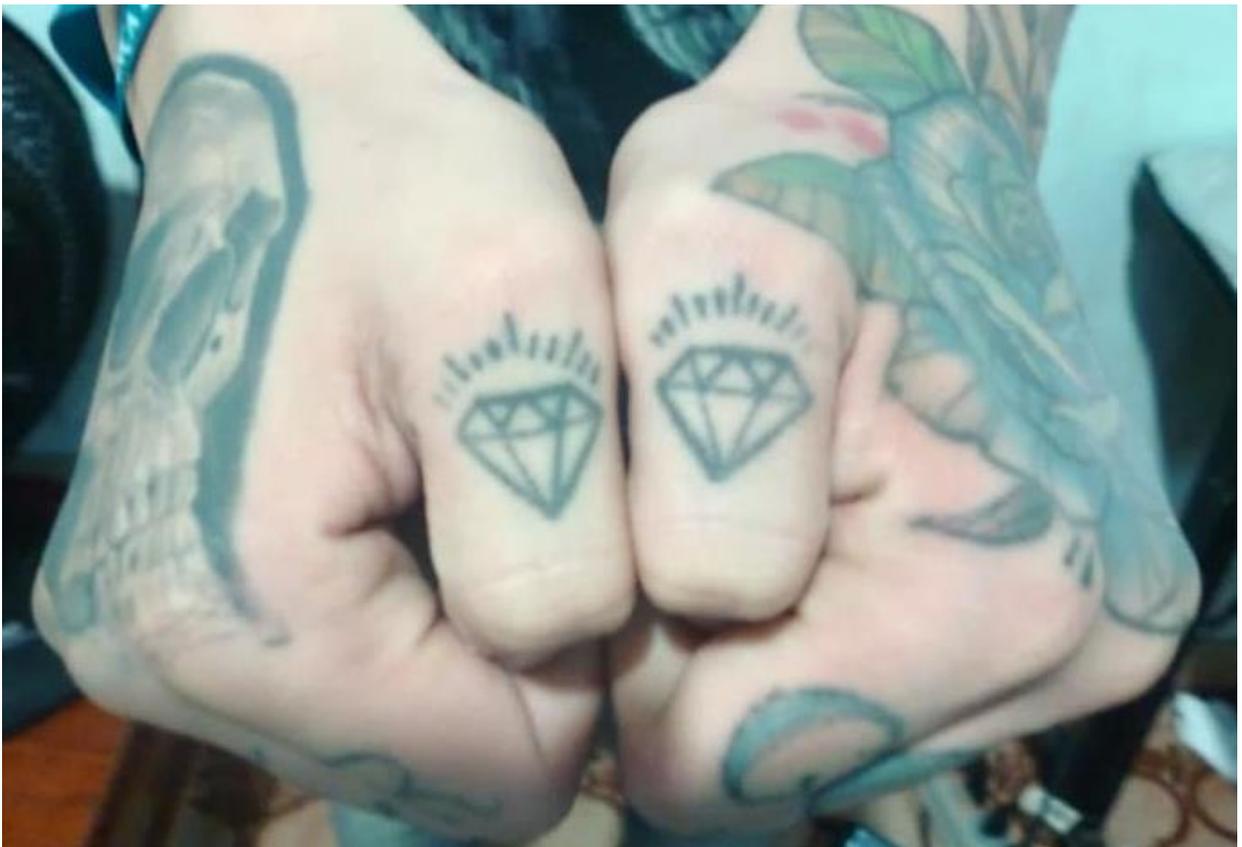
As caveiras que estão espalhadas e localizadas na mão direita (realista), e peito, significam: igualdade, além de Huan dizer que “o crânio é apenas um crânio, que não faz nada, mostra o que é realmente cada pessoal, só ‘mais um na sociedade’, e o que é todo mundo depois da morte – só osso-.” Por vezes se identificando no desenho em sua mão, essa sua subjetividade se mostra em processo, que durante a entrevista dá impressão por vezes, de ser incapaz de falar sobre si, por se considerar fechado demais.



Tatuagem 18 Nós, Crânios /Fotografado por: Lana Maiara

A tatuagem seria então subjetividade “[...] que parte de dentro para fora, procurando estampar aquilo que estaria restrito à esfera de um self autônomo, privado e reflexivo” (ALMEIDA, 2001 apud PEREZ, 2006, p. 202). Das falas que indica igualdade entre todos, que somos iguais debaixo da pele. Assim como de Pires (2005) podemos recuperar o conceito de que a pele é o que separa nosso corpo - como contorno - o externo do interno. Debaixo da pele somos todos iguais, mais acima dela temos a liberdade de escolhermos o que queremos, explorando o íntimo e privado ao território público, se utilizando de discursos já estabelecidos por padrões dentro do ambiente da tatuagem, buscar nos significados gerais nossos próprios significados.

Além de retratar a si mesmo, busca-se eternizar pessoas importantes, Huan gosta de falar sobre isso, pois além de “reservar” suas costas para uma futura homenagem à sua família, já contém traços que simbolizam este evento.



Tatuagem 19 Riqueza Espiritual /Fotografado por: Lana Maiara



Tatuagem 20 Marlon Brando /Fotografado por: Lana Maiara

Dos diamantes em ambos os polegares que significam riqueza, “a pureza, o brilho, o alto valor”, lembrando nos que não se trata de riqueza material, “é além, é a riqueza espiritual, a prosperidade que todos temos [...]” (HUAN BRITO) Mas quase sempre relacionado ao amor à família ou a si mesmo, própria valorização (COSTA, Alex, 2011), pois precisa desses elementos para constituir-se. Do mesmo caráter familiar quando este procurava por alguma imagem para tatuar, por sugestão de amigos escolheu a figura de Marlon Brando¹³ (realista) e instantaneamente lembrou-se da história do nome de seu tio, que segundo Huan é o tio que mais tem afinidade que este possui o mesmo nome que o ator famoso hollywoodiano, o que só complementa seu significado homenageando à um ente querido além de ser fã da estrela, sendo que seu tio desconhece a homenagem.

Todos os entrevistados - incluindo os não-tatuados - têm planos futuros sobre uma nova marca, pensando sobre local a ser aplicado, imagem e seu significado. O planejamento, passa do campo psicológico para o concreto, adquirindo forma através de desenhos e/ou escritas que

¹³ Ator Hollywoodiano;

justifique a escolha. Como se o corpo fosse um livro e os projetos inscritos nas páginas-pele, na qual outros olhos estão por lê-lo diariamente. Uma vez presente na pele - os projetos e as histórias - “[...] têm a força do vital, daquilo que se pode ver, tocar, sentir e vivenciar” (PEREZ, 2006, p. 201).

No peito, Huan faz a menção de que seria um ótimo lugar para a tatuagem por que dali o projeto pode continuar “emendando” em outras imagens, que em outro local seria mais difícil. Então vimos assim que a tatuagem parte de todo um projeto corporal no qual além de visar a tatuagem que está sendo feita, pensasse sobre a próxima tatuagem, como ele mesmo fala, “quando se faz um, aí já era [...] a pessoa vai querer fazer mais e mais[...]”



Tatuagem 21 Levo no peito /Fotografado por: Lana Maiara

O co-autor, nesse caso se trata do tatuado que dá a ideia ao tatuador, é entendido como aquele que origina o agrupamento do discurso enquanto significações com foco na coerência, ele organiza a ideia. Originando a ideia da imagem, pois nele há subjetividades suas captadas pelo tatuador no processo de conhecimento de seu cliente. Que se dá através de uma conversa sobre interesses pessoais. Só não cabe ao estilo *Free hand*¹⁴, pois esse fica a mercê do tatuador sem saber o que será feito sob sua pele.

Justamente neste aspecto, os ‘tatuados’ são altamente subversivos, irreverentes, inovadores, propulsores de uma nova alternativa de construção estética corporal fora dos critérios aceitos socialmente. Isto não quer dizer

¹⁴ Desenho a mão livre geralmente são únicos, exclusivos;

que careçam de juízo estético, mas que apenas estão em uma fase experimental, inventando uma linguagem expressiva cujo laboratório de prova são os seus próprios corpos (PEREZ, 2006, p. 200)

É importante como os tatuados junto com os tatuadores constroem a tatuagem que será feita sobre a pele, e como acontece o processo de busca de identidade através dela. Quando o indivíduo procura um stúdio para fazer sua tatuagem, faz uma busca pelo serviço de maior qualidade e menor preço, daí começa um dos primeiros embates da pesquisa, o de ir a encontro a um profissional que faça a imagem que este pretenda fazer.

O corpo testemunha a realidade das experiências e transmite sua mensagem sem vergonha, e se mostra a todo que o querem ver, assim se torna meio de comunicação que passa sua significação contidas das imagens, conta sua subjetividade. No qual a marca seria uma forma comunicativa que dispensa palavras.

Percebe-se uma atribuição à tatuagem que comporta “o real do passado”, as expectativas para o futuro ou ainda a intensidade do presente. O que há em comum nesses três tempos é o próprio sujeito, aquele que talha histórias numa corporeidade que (re)territorializa o corpo como uma forma de expressão identitária (RODRIGUEZ, 2011, p. 76).

O profissional com todo seu conhecimento da área sobre as técnicas e formas da pele, este se for um bom profissional vai propor ideias ao cliente, melhor forma de tatuar e o desenho que melhor se encaixa naquela área, decidindo juntos sobre o tamanho, o local, as sessões entre outras coisas. Pois o tatuador vai querer ver sua arte bem feita e aprovação por parte de seu cliente, este quer eternizar sua marca em seu corpo. O processo de tatuagem deve ser levado em conta o preparo, a pesquisa e a dedicação, muitos utilizam o método de mostrar o desenho ao cliente por meio da materialização em papel.

CAPÍTULO IV – DO TATUADOR AO STÚDIO: MEDIADOR DE IDENTIDADE, SÍMBOLOS E EXPERIÊNCIAS

João Castro, 6 anos, vai ao estúdio do Antônio Saba para ver seu pai, Rafa Castro, tatuar um de seus desenhos. Lá, Antônio pergunta: e aí João, quer começar? Quando terminou, a frase foi: pai, eu quero ser tatuador. (Quero ser tatuador/ Brincadeira Séria)¹⁵

Um das figuras principais que compõem esse mundo da tatuagem não pode ser deixada de lado, o tatuador ou *Body Moder*¹⁶ entre as demais profissões, é considerado o mais expoente para a modificação imagética do corpo relacionando-se mais profundamente com a identidade e subjetividade de seu portador (PIRES, 2005).

Para a obtenção de dados referentes à profissão, relações e papéis que estes desempenham na vida do tatuado, foram feitas entrevistas com dois sujeitos envolvidos nessa modificação corporal, entretanto as falas dos sujeitos encontram-se na sua real forma transcrita como estes transmitiram, o intuito de tal ato é poder repassar o sentido que cada um constrói em suas falas e atos. Com o método de entrevista semiestrutura com autorização do sujeito para gravação da conversa ocorrida no dia 28 de dezembro, Huan, 23 anos, Macapá-AP, secretário – responsável pela recepção, agendamento além de informar os clientes sobre os procedimentos feitos pelos tatuadores, Edricy França e Marcelo Cortes, no Stúdio *Black Norte Tatuagem e Piercing*, localizado em Macapá – AP, relatado anteriormente¹⁷, o qual desenvolve papel importante na pesquisa sendo ao mesmo tido como tatuado e futuro tatuador, com Huan pode-se ver o desenvolvimento do *Body Moder*, desde seu início, dos processos de aprendizagem de tutoria com seu amigo e colega de trabalho Edricy que todo tatuador teve, já que não se tem uma escola especializada, pelo menos não no Brasil.

Assim a troca de aprendizado e ensinamento, - que Huan descreve como dicas profissionais – parte do empírico e do sensível. E o segundo sujeito a ser entrevistado como profissional de tatuagem e *Body Piercer* e demais modificações, Filipe Espíndola, 39 anos, natural de Botucatu - SP, trabalha em seu próprio espaço: Ateliê 24, localizado no Rio de Janeiro onde mora recentemente, com o método de entrevista via e-mail com questionário elaborado no dia 28 de Dezembro de 2014, decorrente a distância causando impossibilidade

¹⁵ Descrição do vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x5aqPkQTT7I&list=UUbxLIUEAHQ_FpGu-DQUjAEA acessado em: 21 de Dezembro de 2014;

¹⁶ Termo utilizado para designar os profissionais que são responsáveis pelas modificações corporais em geral, tatuagem, piercing, escarificação, alargamento dos furos etc;

¹⁷ Ler em: Capítulo III- Meu Corpo-Diário Íntimo Explícito, p. 40;

de conversa ao vivo, com conversas prévias durante a oficina “*Modificação Corporal*” que ocorreu no dia 4 de Dezembro de 2014, ministrada por Filipe Espíndola e Sara Panamby no evento *Colóquio Comunicação e Arte – Políticas do Corpo*, ocorrida entre os dias 2 a 5 de Dezembro de 2014, na Universidade Federal do Amapá.

Além das entrevistas seguiu-se em observação em interação com os indivíduos em pesquisa de campo no *Stúdio Black Norte Tatuagem e Piercing* ocorridas em visitas durante os meses de outubro e novembro servindo como base de anotações o diário pessoal de campo para entender o desenvolvimento da prática e das relações interpessoais que transitam no ambiente.

Não há momento específico de que alguém vá decidir que quer ser tatuador, tampouco “[...] se sonhou, desde cedo, ser tatuador ou *body piercer*, ao contrário das mais clássicas profissões de natureza artística, onde muito cedo se ‘descobrem’ e ‘encaminham’ as vocações” (FERREIRA, 2008, p. 78), que muitas vezes visando um futuro profissional dentro da expectativa da família ou mais promissor, estes se veem muito mais tempo neutros dentro de profissões que lhe promovem, e somente quando oferecido oportunidade é que veem possibilidade de exercer essa carreira, através dos ensinamentos de um tatuador profissional que acaba por ser um privilégio, pois poucos tatuadores se disponibilizam a tal feito.

A aprendizagem através da interação continuada com profissional mais experiente e reputado, mediante a instituição de uma relação mestre-iniciado, é uma situação privilegiada no processo de socialização no papel de perfurador do corpo, especialmente no caso da tatuagem (FERREIRA, 2008, p. 92).

Desses sujeitos e seus envolvimento com a tatuagem partem de memórias de infância ou de momentos específicos que despertaram interesses e desejos pelo assunto, assim suas vidas vão se entrecruzando com os paradigmas mercadológicos de emprego e vida social, mas que somente se tornam algo fixo, pensamento predominante a partir do momento que lhe oferecem oportunidade e possibilidade de trabalhar nesse ramo, portanto vê-se quando estavelmente decidido trilha seu rumo com sacrifícios e benefícios. Na fala de Huan percebe-se que do interesse por essa modificação corporal que vai surgindo primeiro através da tatuagem em sua pele, logo partindo para a vontade de ser um tatuador iniciando esse processo de aprendizado:

Quando comecei a me tatuar, eu já tinha um interesse em aprender, querer ser, e aí ficava assim neutro, ficava naquela, tipo, focava mais no que fazia antes, mas eu já tinha interesse não é de agora isso, aí eu comecei a trabalhar com os meninos, né? Do *stúdio*, onde trabalho agora. Passei a desenhar, começaram a me ensinar algumas coisas, o Edricy já começou a me ensinar

já algumas coisas, partes do básico para quem tá iniciando e o início de tudo (HUAN BRITO).

Por outro lado, Filipe Espíndola conta que passou a gostar de tatuagem através das modificações corporais indígenas que teve contato quando criança por meio de livros, revistas, vídeos e televisão que exploravam a cultura indígena, que contribuíram para o desenvolvimento de trabalhos até os dias de hoje. Entrou no mundo da modificação corporal primeiramente como *Body Piercer*¹⁸ desde 1995 e, fala da parceria com seu amigo e com quem se tatuou, mesmo tendo formação em teatro e artes plástica conta que pensou em ser cenógrafo, mas nota-se que sua vida tomou outro rumo com a entrada na faculdade:

Quando entrei na faculdade (UNICAMP 1994) conheci Luiz Fernando Marchioni (Trash - Marchioni Tattoos) que era meu veterano. Ele tatuava em sua casa e acabei fazendo inúmeras tatuagens com ele, que acabou me oferecendo a parceria em seu primeiro stúdio de tatuagem (FILIPE ESPÍNDOLA).



Tatuagem 22 Imagens de tatuagens elaboradas por Filipe Espíndola
(Fonte: Ateliê 24)

¹⁸ Termo designado para o perfurador, profissional que introduz joias ao corpo;



Tatuagem 23 Nkyimkyim - Adinkra da resistência, da dialética e do dinamismo/ Feita por Filipe Espíndola

(Fonte: https://scontent-a.xx.fbcdn.net/hphotos-xaf1/v/t1.0-9/p480x480/10614241_556341177824972_5568962484940869200_n.jpg?oh=cc40735c41515405072793742c4d5c03&oe=55280738)

Desde seu processo de aprendizado como iniciante com André Lemgruber em seu *Stúdio Nômade*, em Campinas – SP, no ano de 2002, e quando passa a morar no Rio de Janeiro passa a aprofundar-se cada vez mais com ajuda de seu amigo tatuador chamado Barriga Knup com quem trabalha no mesmo stúdio Ateliê 24. A partir de 2011 passa a atuar como tatuador, com seu estilo tribal, onde as imagens corporais impressas que constrói se especificam principalmente os grafismos indígenas brasileiros e adinkras¹⁹ como afirma o tatuador.

Através desse interesse impresso em sua própria pele, - mas não pode ser generalizado, pois há tatuadores sem tatuagem alguma - a maioria carrega traços de outros tatuadores e quando tem contato com um tatuador disposto a ensiná-los, aprende princípios de tatuagem com um modelo autodidata (LE BRETON, 2004), assim se transforma em uma parceria, como aconteceu com Filipe e seus amigos, e da relação de Huan dentro do *Black Norte* com os tatuadores Edricy França e Marcelo Cortes com quem trabalha hoje.

¹⁹ Conjunto de símbolos africanos que representam ideias expressas em provérbios, impressas como escrita hieroglífica passada de geração à geração. (Fonte: www.ipeafro.org.br/home/br/acoes/17/17/adinkra);

A vida de aprendiz de tatuador começa-se muitas vezes como um ajudante do tatuador ou como no caso de Huan, secretário do *Stúdio Black Norte*, que além de ser o responsável pela recepção dos clientes, agendamento das sessões e, direcionamento aos tatuadores, por seu contato com os trabalhos ali apresentados este esclarece dúvidas recorrentes de modo superficial sobre preço, técnica e informações básicas que são transmitidas na hora da marcação do dia. Após o primeiro contato que é feito com o secretário, esse repassa aos tatuadores, assim está sempre em contato com os tatuadores profissionais, mesmo buscando e sendo aconselhado por seu “mestre” Edricy França a seguir seu próprio ritmo e características. "Em geral, o processo de aprendizagem é um processo relacional hierárquico entre mestre e aprendiz. Durante esse processo, o ‘tatuador-mestre’ determina o ritmo da aprendizagem” (COSTA, Z., 2004, p.56).

De sua relação com seu “mestre”, Huan relata que o tatuador ensina-lhe o básico, mas que ele deve aperfeiçoar seu desenho no papel, criar desenhos que mais acha interessante. Descreve que o preparo é através de seus desenhos, “[...] cara, é o desenho, entendeu? O desenho é o foco de tudo, né?” (HUAN BRITO) Se o foco é o desenho para os iniciantes, tendo em vista que se trata do aperfeiçoamento de seu desenho em contato com o experiente tatuador sendo um fator importante essa situação de aprendizado, já que assim é quase impossível o aprendiz não colher traços de seu professor, mas que com o tempo este vai se desprendendo da maneira/fazer do tatuador que lhe ensina.

Além de desenhar, é preciso dominar técnicas que são tradicionalmente transmitidas entre os tatuadores. Todos passaram por um período de aprendizagem que, além da observação, também inclui as instruções e a orientação de um tatuador experiente (COSTA, Z., 2004, p. 50).

O tatuador que vira professor atribui ao aprendiz ensinamentos que adquiriu com outro tatuador, como o caso de Edricy este sob a tutoria de um tatuador famoso de São Paulo, chamado Cigano, assim vai se passando dicas que este acha mais importante repassar para seu aprendiz, Huan. As inspirações para desenhar parte das preferências do iniciante, do que ele gosta, mas que o professor influencia pela sua forma:

Eu gosto dos trabalhos oriental, certo? Mas não é muito o que me interessa assim como eu tô aprendendo com o Edricy eu tô pegando o jeito dele, é o surrealismo²⁰, eu tô basicamente saindo do que eu gostava, [...] já passando a fazer desenhos de realismo, coisas surreais assim, tipo criações que vem da minha cabeça, entendeu? O que vir na tua mente, tu cria, que nem eu fiz um desenho interessante, que é de uma sereia que não tinha cabeça, eram monte de flores saindo com flor de lótus e lá formando a cabeça, e a âncora, foi tudo criando só vai pegando base dos tatuadores conhecidos no Brasil e até

²⁰ Estilo em que o profissional desenvolve e trabalha em imagens com misturas de outras imagens em uma fragmentação que gera uma nova imagem a ser tatuada;

pra fora, entendeu? E vai criando, assim tu começa a ter uma base de desenhar só tu, sem precisar ter que pegar imagem ali, e aí tu vai começando a formar tua identidade (HUAN BRITO)

Os tatuadores possuem características marcantes, a maioria primeiramente por gostarem de tatuagens procura constituir-se como laboratório com suas marcas no corpo, depois passam a serem profissionais, tanto Filipe quanto Huan e os tatuadores da *Black Norte*: Marcelo Cortes e Edricy França, que possuem um número grande de tatuagens em seus corpos, constituindo sua formação identitária e profissional, além de um indivíduo cuja figura passa a operar no imaginário dos não-tatuados. Tanto de sua imagem visual, como relata Deyse de suas experiências virtuais, já que acompanha mais trabalhos dos tatuadores nas redes sociais: “Geralmente quem é tatuador é muito tatuado, tem que saber o que tá fazendo, gostar muito.” (DEYSE BYANE) Quanto de seu caráter mais subjetivo, que vive seu trabalho no dia-a-dia, como explica Mayara sobre a imagem que tinha dos tatuadores:

É como se eles soubessem o que estão fazendo, eles sabem o que estão fazendo, quem faz tatuagem tem uma personalidade, que eu acho bem marcante na verdade nas pessoas, que é uma personalidade de primeiro: relacionadas à arte e ao mesmo tempo com o trabalho deles e isso não interfere, olha só que engraçado, o trabalho deles não muda o estilo deles, o modo como eles se vestem, entende? Não muda a característica física dele. Eles trabalham dessa forma, eles vivem dessa forma [...] um sujeito que experiencia essa questão da tatuagem e toda sua complexidade, complexidade no sentido de ‘eu trabalho, é arte, eu assim eu experimento isso’ (MAYARA MARQUES).

4.1 Do outro lado da agulha

Filipe Espíndola na Oficina de Modificação Corporal fala que seu Stúdio Ateliê 24 no Rio de Janeiro que funciona em sua própria casa, diz que faz seus próprios horários, fica mais a vontade, assim disponibiliza para quem o procura para fazer tatuagem ou *piercing* um local mais agradável para conversar.

Além de ter suas subjetividades em seu local de trabalho, o que diz muito sobre o profissional, cada tatuador decora sua sala da maneira que mais lhe convém, geralmente as paredes são preenchidas pelos trabalhos e feitos desse artista, como diplomas, prêmios em convenções, desenhos de trabalhos a servirem de recordação entre outras particularidades que varia de cada qual. No stúdio Ateliê 24, encontra Casa 24, local de trabalho de Filipe, sobre a qual este denomina como “um braço tatuado do Ateliê 24”, encontra-se trabalhos de colagens, objetos decorativos como caveiras mexicanas e dragões chineses, máscaras amazonas todos

com materiais peculiares que vão de imagens simbólicas midiáticas até escamas de pirarucu, que remetem a um processo, uma história, uma singularidade.



Tatuagem 24 Detalhes Emblemáticos do Stúdio Ateliê 24
(Fonte: Ateliê 24)

Já no stúdio *Black Norte*, local onde Huan trabalha, é um ponto comercial localizado no centro da cidade de Macapá, com sala de espera e divisão entre salas dos profissionais. Local onde a pesquisa em campo ocorreu entre os meses de outubro e novembro, foram utilizados métodos de observação anotados os aspectos mais importantes em diário de campo, assim:

O ver não diz respeito somente à questão física de um objeto ser focalizado pelo olho, o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo; de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado (ZAMBONI, 2006, p. 64)

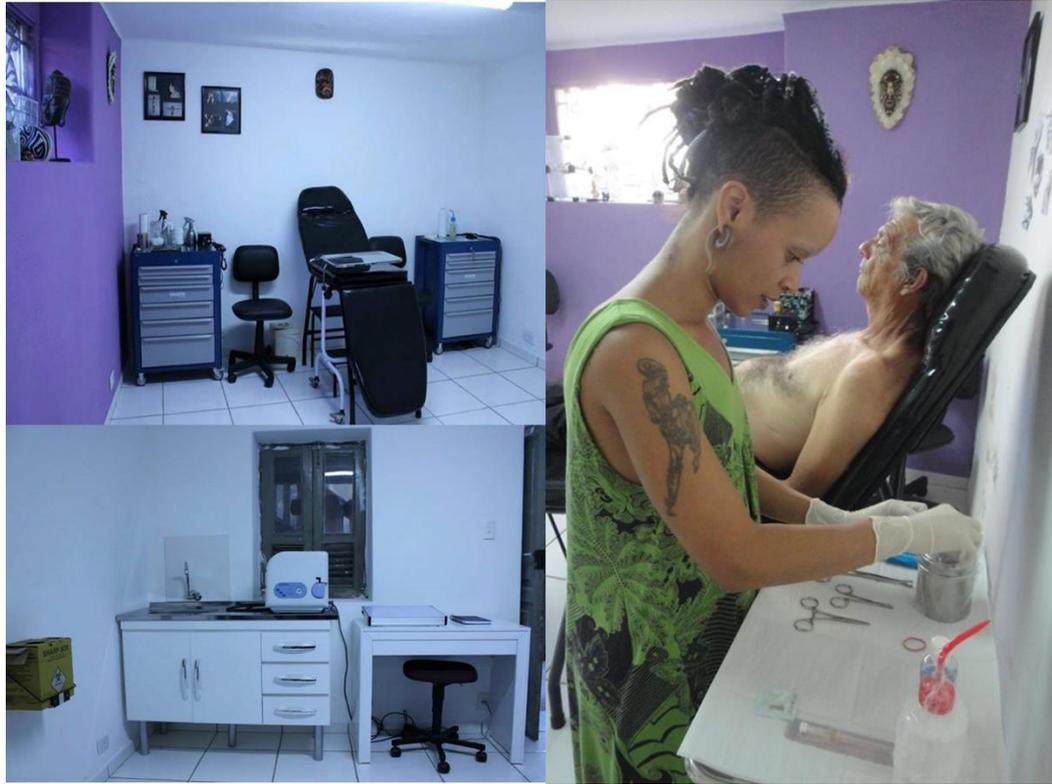
No campo de observação a presença dos sons das máquinas dos tatuadores, de conversas entre tatuadores e clientes a cerca de projetos de tatuagem, de agendamentos de sessões e horários, do trânsito de pessoas que entram e saem, os percursos e questionamentos dos outros para com os tatuadores etc. todas as anotações contribuíram para a montagem e divisão da pesquisa em seu ponto relacional, mas não especificados por serem apenas anotações que foram complementadas com leituras e citadas nesta pesquisa no decorrer das experiências tanto presencial quanto das conversas com Huan, que prestou-se como indivíduo importante para o entendimento do funcionamento do stúdio. Além da organização funcional e estética do ambiente, com os tons da logomarca do stúdio, o preto e Branco também

compõem o local de trabalho dos profissionais além de quadros com figuras mitológicas nas paredes, lembranças de viagens, e convenções.

Diferentemente da ideia que a crônica de João do Rio (1908) em seu livro: *Alma Encantadora das ruas*, que fala dos “marcadores” que disputavam por clientes às beiras da rua, com seu trabalho manual barateado, como cenário século XX. Os marcadores ou tatuadores como chamamos hoje, naquela época seus clientes eram a maioria marinheiros, soldados, vagabundos, criminosos, prostitutas. Descreve uma situação cotidiana nas ruas do Rio de Janeiro daquela época, onde marcadores disputam por um possível cliente, em que o cliente dá preferência ao preço mais em conta para ele. Ali na rua mesmo eram feitas suas marcas, com três agulhas amarradas entre si, tiradas do bolso, e um vidro de tinta, tudo de maneira bem artesanal e improvisada, sem um cuidado com higiene ou privacidade, o que já é muito diferente quando se visita um estúdio profissional, hoje se encontra como aspecto importante e obrigatório:

o estúdio, impecavelmente limpo, desinfetado e forrado de papel descartável, sobretudo nas partes que entram em contato com a pessoa durante o momento da tatuagem; o tatuador, com os acessórios clínicos: a máscara e as luvas cirúrgicas; e o cliente na cadeira, geralmente recostado, em uma atitude que denota a disponibilidade de deixar seu corpo sob o controle do “especialista”. Assim, nesse ambiente, dá-se início à sessão (PEREZ, 2006, p. 187)

A higienização é ponto principal para os profissionais, como Sara Panamby e Filipe Espindola ressaltam durante a Oficina Modificação Corporal, que é uma maneira preventiva para o cliente e para o *body moder* de possíveis infecções ou doenças. Dessa semelhança dos estúdios na atualidade à um consultório médico, com uma sala de espera e salas onde os tatuadores trabalham, na mesa catálogos de tatuagens e álbuns com alguns trabalhos anteriores dos próprios profissionais, de modo a expor o quanto vai se modificando o trabalho daquele artista.



Tatuagem 25 "O braço tatuado do Ateliê 24 "
(Fonte: Ateliê 24)

Das ligações construídas pelo imaginário entre tatuador/médico; stúdio/consultório; as salas de espera/salas de trabalho parte da visão de enfrentamento, das anotações e observações feitas diário de campo, a presença de curiosos era muito grande, como fala Mayara quando perguntada sobre os stúdios: “Essa imagem do stúdio era um lugar que despertava curiosidade e o mesmo tempo medo, e a vontade que me despertava de querer entrar” (MAYARA MARQUES).

Havia momentos em que muitos entravam somente para conversar sobre trabalhos e funcionamento do stúdio *Black Norte*, outros que visitavam o stúdio para sua primeira aplicação seja de piercing ou tatuagem, sempre estavam acompanhados de algum amigo ou outros para encorajá-los na hora, uma situação específica de uma jovem que iria aplicar um piercing no nariz chama a atenção para o enfrentamento, mesmo com medo da dor da perfuração, pede à uma amiga para entrar na sala com ela, a outra pergunta: pra quê?, Esta responde: para segurar minha mão se doer. Situações semelhantes acontecem todos os dias como explica Huan quando vão fazer a primeira tatuagem, ele explica que muitos tatuadores não gostam quando os que vão se tatuar levem muitas pessoas para a sala, pois acaba por desconcentrar o profissional, e outros motivos.

Deyse fala sobre sua visão sobre os stúdios de tatuagem e como nunca visitou nenhum, imagina como um lugar reservado com desenhos nas paredes, cheios de catálogos e revistas

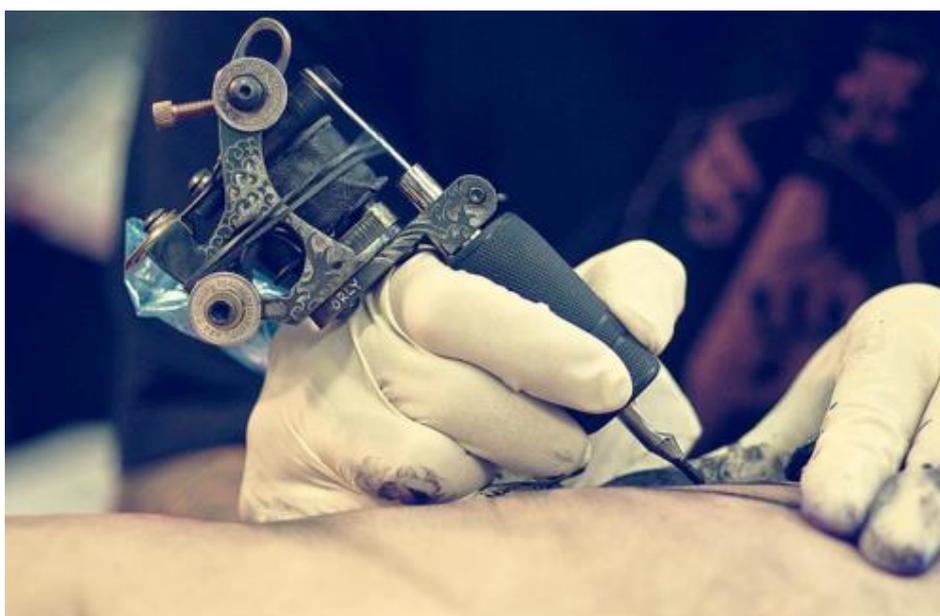
em mesas para os clientes que se encontram indecisos possam consultar desenhos já feitos para encontrar inspiração ou algo que chame atenção na hora da escolha de sua própria imagem. Ainda explora a questão da tensão que paira no cliente que vai fazer sua primeira marca. E Mayara fala sobre essa desordem que passavam os stúdios:

Eles me passavam a ideia de um mundo anárquico, entende? Então essa coisa do medo por que parecia assim, o que eles faziam isso também tá ligado sabe o que? Aos objetos que eles usavam, as agulhas, entende? Ao eles lidarem com esses materiais que deixava marcas, o que era irreversível não podia voltar atrás [...] (MAYARA MARQUES)

Mesmo que ainda carrega-se no imaginário de algumas pessoas a ideia de sujeira e artesanalmente improvisada como exemplo da crônica de João do Rio (1908) com os marcadores, o tatuador já não é mais um simples marcador de pele, ele se transforma em profissional que usa a pele como superfície para expressão artística (RODRIGUEZ, 2011). A partir desse ponto, cada vez mais a batalha para ser reconhecida como profissão, pois como fala Filipe Espindola sobre a desvantagem em ser tatuador: “A maior desvantagem é que ainda existe muito preconceito no Brasil sobre a tatuagem e outras modificações corporais”.

Tudo muda com a globalização, o material de trabalho, local, cuidado e os profissionais que valorizam sua arte que entram em contato com o corpo alheio de modo instrumental.

O tatuador é o concretizador do imaginário do cliente, da sua originalidade conceptual, funcionando o *rigor no pormenor* e o *realismo* como características estéticas mais valorizadas no reconhecimento da artisticidade da obra (FERREIRA, 2008, p. 86).



Tatuagem 26 Máquina de Esquecer

(Fonte: [http://2.bp.blogspot.com/-](http://2.bp.blogspot.com/-Ltsk8btXwFY/U3Q5IgyY2OKI/AAAAAAAAAaI/OgE3m9gDbSk/s1600/tumblr_lv6jxhF7cK1qe127to1_500.png)

[Ltsk8btXwFY/U3Q5IgyY2OKI/AAAAAAAAAaI/OgE3m9gDbSk/s1600/tumblr_lv6jxhF7cK1qe127to1_500.png](http://2.bp.blogspot.com/-Ltsk8btXwFY/U3Q5IgyY2OKI/AAAAAAAAAaI/OgE3m9gDbSk/s1600/tumblr_lv6jxhF7cK1qe127to1_500.png))

4.2 Bons Tatuadores

Há uma distinção entre tatuadores, os que fazem “por dinheiro” e os que fazem “por paixão” como explica Huan. Entre o ciclo de tatuadores eles denominam “artistas da tatuagem”, os que levam a sério este estilo de vida, “[...] é aquele que sabe desenhar, não é aquele que copia” (LEITÃO, 2004, p. 8) e os outros “tatuadores de mercado”, os que fazem por dinheiro, não se importam de copiar imagens de outros lugares e pouco tem cuidado com o que vai fazer.

Muita gente não faz desenho, copia, mas um bom tatuador, um bom profissional mesmo, é a pessoa que tem que saber desenhar, ela não copia, ela cria, ela não puxa alguma coisa assim dali da internet e desenha na pele da pessoa, ela pode pegar, assim como tu podes ver lá no stúdio, como base e criar o desenho da pessoa, por isso tu tem que saber desenhar cara, esse é o primeiro passo para se tornar um bom tatuador, entendeu? (HUAN BRITO)

“O tatuador é certamente um artesão, um comerciante, mas é sobretudo um artista do corpo dos outros” (LE BRETON, 2004, p. 209). Do envolvimento do tatuador para os clientes/tatuados um dos fatores mais importantes é a interação. O tatuador é o único a escrever no corpo-diário com sua máquina de escrever²¹, - a máquina de tatuar - assim como cobrem um desenho com outro, este ganha a confiança do cliente através do diálogo, que se torna tradutor da ideia desse sujeito aplicando-a em sua superfície de modo a ser definitivo.

O artista da tatuagem mesmo caminhando entre os dois mundos, tanto o da arte e do mercado, se distingue do tatuador de mercado tanto ao modo de vida, quanto ao valor mercadológico, inclusive o preço é mais caro dos tatuadores que criam o desenho para seu cliente. Dos tatuadores, pelo menos dos que já ultrapassaram o teor comercial que a tatuagem, infere-se sobre as formas “[...] de obter experiências dentro de um universo de criação, transformando uma prática comercial em poética artística” (PRADO, 2014, p. 305).

Os tatuadores cada vez mais procuram ocupar seu espaço no circuito artístico com suas obras que expressam bem sua individualidade.

No geral existe vários tatuadores bons em suas áreas, não existe “o cara”, que é “louco”, cada tatuador tem um ramo diferente, teve um trabalho diferente, então cada um tem seus “bons e ruins”, existe bons tatuadores, um bom específico em tudo, dificilmente (HUAN BRITO).

Assim cada profissional vai produzindo suas obras, o que busca ser conceituado vai criando sempre imagens, que podem ser feitos diretamente na pele ou que são mostrados para seus clientes por meio de desenhos pré-elaborados com auxílio do cliente. São tatuagens mais elaboradas que é vista como partilha entre tatuador e cliente frente a frente que é “[...] preciso

²¹ A máquina de tatuar foi uma adaptação intensificada em 1891 de Samuel O’Reilly da máquina de escrever criada por Thomas Jefferson para a feitura de cópias de documentos, de forma manual (COSTA, Z., 2004, p. 38);

traduzi-la, criar uma metáfora em torno dela, simples ou complexa, mas que tenha algum valor comunicativo” (PEREZ, 2006, p. 199).

Huan detalha que são trabalhos bem feitos, que os profissionais têm todo o cuidado no processo da feitura desde os toques sobre a feitura até o término, em que o profissional orienta sobre os cuidados com a tatuagem, para o conforto e saúde de seu cliente e de sua obra na pele do outro, e eles se recusam a fazer tatuagem – inclusive desenhos – de outras pessoas, optam ao cliente a criação por meio de um diálogo para a melhor feitura, dando mais segurança ao cliente.

Assim há reflexões sobre o trabalho do profissional, quanto à sua exigência na hora de fazer a tatuagem, com acompanhamento e aconselhando para que o seu cliente não possa se arrepender de sua marca, para eles, é muito importante essa conversa com o futuro tatuado. Deyse mesmo não conhecendo nenhum tatuador pessoalmente, acompanha nas redes sociais os trabalhos dos tatuadores quando estes postam ou são marcados pelos clientes que ao término querem logo mostrar a sua marca para os outros verem, dedicando e agradecendo ao tatuador pela feitura da marca. De seus critérios como não-tatuada espera de um bom tatuador, daquele profissional que parte da partilha de conhecimentos sobre seu cliente através do diálogo:

Aquele que conversa, que ver se é aquilo mesmo que tu quer, além de ter que desenhar muito bem por que já vi alguns que não são muito bons. Principalmente diálogo, para ver se é desse jeito se tá bom assim, não quer ver mais alguma coisa mudar alguma coisa aqui (DEYSE BYANE)

Do processo de diálogo Filipe fala sobre seu processo de comunicação com o cliente considerando o respeito das características individuais de cada pessoa e o desenvolvimento da imagem, aconselhando para melhor resultado da tatuagem, podendo recusar ou não valendo sua habilidade para tais tatuagens na hora desse contato:

O processo é lento e totalmente individual e personalizado, cada pessoa tem uma série de características que devem ser respeitadas e o valor da tatuagem deve ser o elemento menos importante, não cobro caro pois considero que ainda sou iniciante e porque vejo que muitas pessoas têm vontade de se tatuar, com qualidade e segurança, mas não têm dinheiro para pagar o valor que os stúdios pedem. Tento conscientizar a pessoa sobre a importância da decisão que tomou e sobre os riscos e benefícios da escolha. Tatuo somente o que quero e o que considero que tenho capacidade e habilidade para realizar bem. Alguns desenhos recuso ou indico fazerem com outro tatuador mais apto (FILIPE ESPÍNDOLA)

Das exigências que os próprios tatuadores têm entre os círculos profissionais e os próprios clientes de um bom tatuador, sendo aquele que cria suas obras para um cliente, tenha domínio das técnicas do desenho e mão firme para fazer a tatuagem. (FERREIRA, 2008)

Assim como Huan destaca em sua fala que para ele um bom tatuador é aquele que cria, mostra seu trabalho e é requisitado pelo mesmo, e para isso deve amar o que faz independentemente o que for.

A tatuagem é uma atividade profissional que permite a manutenção e exploração dos limites das imagens corporais, pois o contato com o corpo alheio encaminha para o trabalho de um determinado projeto identitário como distintivo individual. Tendo um valor atribuído à identidade ou construção dela, na tatuagem existe sim personalização e que funciona (LEITÃO, 2004), e como construtor de identidades de signos que o Outro lhe repassa por meio de informações pessoais ou não, um “bom tatuador é aquele capaz de oferecer uma boa experiência para a pessoa tatuada, que atenda ao seu desejo e realize o seu sonho” (FILIPE ESPÍNDOLA).

Assim como há distintos profissionais quanto a sua forma de agir, há também uma divisão entre os tatuados que Huan fala que são os que amam tatuagem e os que fazem por moda. Há os tatuados *mainstream e non-mainstream* (LEITÃO, 2000; ABONIZIO; FONSECA, 2010).

Mainstream (predominante) seriam as pessoas que fazem por moda ou por status, voltado para estética pessoal onde suas tatuagens são pensadas por conta da popularidade, e suas dúvidas na maioria das vezes são voltadas sobre retirada da tatuagem antes mesmo de fazê-las e sobre preço. E *Non-Mainstream* (não predominante), ou “autênticos” seriam os que fazem por que gostam e levam a sério a arte em seu corpo, que não fazem somente por embelezamento, mas que transformam seu corpo em um atributo mais exploratório ou identitário (ABONIZIO; FONSECA, 2010).

Importante frisar que mesmo que haja a distinção entre esses grupos estabelecida pelos próprios tatuados, tatuadores e não- tatuados quanto a sua feitura, quando perguntado sobre seu significado, o tatuado busca em suas referências uma lembrança, um momento, o motivo, o processo, uma estória etc. Enfim começa uma narrativa sobre fragmentos memoriais de sua transformação durante o processo, e até mesmo tempos depois, como relatados pelos discursos dos tatuados²².

Huan fala que há pessoas que chegam ao stúdio com ideias que não podem ser concretizadas por vários motivos, a partir desse ponto é que os tatuadores entram em ação quanto a feitura, que conversam aconselhando sobre o local e qual técnica seria usada já que estão habilitados com tais procedimentos, há muitas pessoas que não aceitam e querem da

²² Ler no capítulo anterior: Capítulo III Meu Corpo-Diário Íntimo Explícito, p. 40;

maneira como haviam imaginado, até que chega a ponto de o profissional recusar o trabalho e indicando outro profissional que talvez aceite as condições desse cliente.

Mas a exigência de seu trabalho parte da decisão do tatuado, pois desse indivíduo espera-se uma decisão exata do que quer, e quando confuso, o tatuador opta por diálogos que ajudem na elaboração.

Eu vejo os tatuadores com uma mente tão aberta à situação, das escolhas dos tatuados, eles meio que esperam essas coisas mais elaboradas, inclusive quanto mais ousado o tatuado é, quanto mais elaborada a frase for, o desenho e tal, melhor para o trabalho deles, sabe? Eu vejo assim que para eles têm uma outra coisa (MAYARA MARQUES).

E se a ideia já está concreta só resta ao tatuador, trabalhar na ideia do cliente para então ter-se um trabalho único e original. Inicia-se assim um sistema de co-autoria entre tatuador e tatuado/cliente, que parte da projeção da ideia do cliente como co-autor e finaliza com a expressão visual e material por conta do tatuador como autor. (PRADO, 2014) Que constrói imagens por meio de uma negociação e conversa vai constituída para além de seu trabalho, cria-se um laço mais forte entre tatuado e tatuador, em que o segundo vê no cliente a certeza ou dúvida sob a marca, pois acontece quando se está nas mãos do profissional *body moder* ou no caso da pesquisa, tatuador, este deixa seus traços e marcas subjetivas no corpo alheio desse desconhecido (LE BRETON, 2004).

Nesse sentido, “trabalhar nas idéias da pessoa” representa a busca da sua interioridade através de um processo de interação por meio do qual a pessoa a ser tatuada abre seu mundo, e o tatuador colabora na busca e na tradução dessas “idéias” em imagens (PEREZ, 2006, p. 185).

O tatuador opera como mediador do self, pois ajuda a definir junto ao cliente, exteriorizando e interpretando subjetividade, gostos e ideias pessoais (PEREZ, 2006), participando da construção do discurso do tatuado e de sua tatuagem. Assim o tatuador apreende também com seu cliente, este se vê como sujeito transitório da experiência através do outro: “neste trânsito de sentidos, tanto das minhas, quanto as do outro, ao mesmo tempo em que sou sujeito ativo do meu trabalho, posso me infiltrar e me furtar ao presente pelo viés do outro” (PRADO, 2014, p. 307). Ele também reflete sobre as escolhas dos tatuados:

Ele só falou do tamanho da letra, como ia ficar e tal... Ele falou que era muito interessante a tatuagem, muito expressiva, foram essas palavras que ele usou, ele refletiu, mas ele também foi mais um que não falou[...] (MARÍLIA NAVEGANTE)

Este profissional passa a construir valores, além de materiais ao seu trabalho, como ganha clientes fiéis que contribuem para seu trabalho colhendo experiências próprias e dos outros por meio desse contato. E ganhando cada vez mais admiradores e consumidores

através do mundo das convenções de tatuagens, locais onde esses profissionais têm *stands* e podem compartilhar de sua arte (LEITÃO, 2004).

Há muitos eventos de tatuagem - em sua maioria são feiras de materiais com premiações e exposições de artes visuais - muitos já consagrados e uma extensa rede de contatos pela internet. Também existe a divulgação através de algumas revistas especializadas, mas são poucas e não muito boas e alguns tattoo clubs (FILIPE ESPÍNDOLA).

Além dos próprios clientes que viram seus catálogos ou cartão de visita, quando este faz um bom trabalho que desperte atenção dos outros, e que os que observam procuram pelo mesmo tatuador, já que a assinatura do tatuador é seu traço (COSTA, Z., 2004), através desse contato que muitas vezes faz crescer a clientela do tatuador ou stúdio despertando procura à prática, e é o “ter visto em outra pessoa” que promove tal efeito (LE BRETON, 2004).

A vantagem de se ser tatuador é que sua arte está sempre em trânsito, indo para todas as partes do mundo, sempre carregada de história e mitologia pessoal e muitas vezes representando uma grande mudança, de preferência uma boa mudança, na vida de quem se tatua (FILIPE ESPÍNDOLA).

Mesmo que seja comum ouvir “me tatuei” isso não anula seu trabalho na pele do outro, pelo contrário, se for do agrado de quem ver, logo após o elogio, vem a curiosidade sobre o tatuador que fez, assim o tatuado é a via para o sucesso ou fracasso de um profissional *body moder*, por isso a exigência de si mesmo enquanto profissional é de fazer uma marca que o cliente se orgulhe de ter e este se orgulhe em fazer, conseqüentemente ou algumas vezes fazem o outro refletir sobre.

Portanto nesse refletir das tatuagens alheias atribui-se a qualidade ou deficiência do trabalho que variando o julgamento pode ser recomendado à outras pessoas.

Como ele fica no caminho da escola (local de trabalho)²³ mais fácil, eu já tinha visto ele, eu já tinha visto uma tatuagem de uma pessoa próxima que ele tinha feito, era bacana os traços, bem feita a tatuagem da pessoa aí eu quis ir lá mesmo nele, era confiável, por isso essa questão de confiança (MARÍLIA NAVEGANTE)

Faz-se a importância de elaborar um trabalho satisfatório à gosto de quem o procura visando o olhar do espectador também. Assim vai se construindo um nome, e esse artista/tatuador vai se tornando reconhecido pela dissipação de sua arte entre os usuários e seus vínculos relacionais, para além da qualidade de seu serviço/produto, a tatuagem.

Contudo o tatuado vê no tatuador - escritor de sua ideia- possibilidade de explorar sua própria pele manualmente de modo a improvisar relatos e histórias em sua superfície como

²³ Notas da pesquisadora;

marca de dissemelhança dentro do circuito social, e o não-tatuado ou o Outro²⁴ seria o elo de conclusão para a identidade desse indivíduo já que ele dá sentido podendo ser diferente ou não do pretendido pelo tatuado, mas que quando relatado busca em seu próprio referencial empírico para atribuir sentido à tatuagem alheia. E ambas as figuras tanto tatuado quanto tatuador desperta a curiosidade e interesse do não-tatuado criando sempre um diálogo entre esses, muitas vezes levados para o seu lado marginal, mas que somente é quebrado quando entregue ao contato mais próximo vinculado por essa curiosidade e interesses pelas imagens corporais desses indivíduos.

²⁴ Nesse sentido aplica-se também a outros tatuados.

RABISCOS E APONTAMENTOS FINAIS

Para finalizar houve-se desde o princípio interesse em trabalhar a temática de modo a explorar como elemento que caracteriza-se como identitário, se desprendendo de seu contexto histórico de ordem cronológica sobre técnicas e avanços em todos os seguimentos da mesma, mas sem deixar de citar sobre alguns pontos específicos. Dos materiais referente a história da tatuagem enquanto modificação corporal dentro do processo civilizatório mundial abundantes nas áreas da: antropologia e psicanálise. A carência da temática ao se tratar de seu caráter subjetivo pouco se distancia de seu valor estético. Da base teórica constituída por esta - Le Breton (2013, 2004), Bezerra (2013), Pires (2005) entre outros - , em seus estudos transformam o mundo da tatuagem em algo mais valorizado, e que servem de base teórica e bibliográfica que falam de seu caráter ético e também estético.

Trabalha-se a metodologia como processo acoplado aos dizeres e saberes dos sujeitos para a não desvinculação do evento investigativo de seus métodos como partes divergentes, assim a justificativa de tal procedimento parte dos detalhamentos e descrições dos discursos e percepções desta.

Discutida para além de seu caráter de embelezamento ganha-se atributo identitário transmitido para outro, este consecutivamente atribui-lhe sentido e significação consultando sua história pessoal. Essas marcas identitárias circulam no cotidiano e muitas vezes passam despercebidas quando seu proprietário prefere escolher. Das marcas que instigam quem as observam a pensar são invocadas quando lembradas e portanto transmitidas de alguma forma.

Uma das discussões que a identidade e a tatuagem enfrentam, surge de um lado os ideais e ideias individuais valorizando seu aspecto subjetivo e do outro o posicionamento de moda, status ou aceitação em determinados grupos; do preconceito que a modificação corporal carrega mas, que se desmitificou com o tempo desse estigma, dos enfrentamentos contra o autoritarismo visando a liberdade de expressão. Do tratamento da tatuagem nesta pesquisa marca-se como identidade ou fragmento desta, buscando não desclassificar qualquer imagem, seja por tamanho, qualidade ou escolha, das construções pelos sujeitos entrevistados e do enfrentamento das barreiras que ainda existem quanto às imagens dos tatuados, tatuadores e dos não-tatuados.

Junto aos entrevistados e às leituras de livros, artigos, blogs/sites entre outros meios, entra-se em contato com um mundo de aflição, perdição e achados, superando-se expectativas, substituindo informações, priorizando as falas e indicações dos sujeitos objetos da mesma que serviram de rumo para o caminhar dos processos investigativos.

Das percepções em campo de pesquisa, dos olhares, inquietações, enfrentamentos, deslocamentos até os discursos dos entrevistados, constrói-se de seus argumentos, histórias e estórias de suas vivências e de suas imagens, tanto as elaboradas de si, por outros e dos outros. Os sujeitos elaboraram toda a investigação a modo que despertavam cada vez mais pontos não previstos no roteiro, além das consultas e pesquisas bibliográficas sobre modificação corporal de modo geral, mas que em seus detalhes sempre citavam sobre a pigmentação – tatuagem – dos pontos levantados pelos sujeitos explora-se a formulação de questões a serem exploradas além do corpo, posicionamentos sobre o corpo como matéria e suporte para arte, e local de aprendizado tanto do próprio portador quanto do que ver e do que constrói em conjunto com o indivíduo elaboradas nesta.

De sua importância este trabalho tem-se como mais um estudo sobre tatuagem como marca identitária, relatando que há outros estudos com a mesma temática, entretanto com abordagem diferente, pouco se tem pesquisa relatando que englobe os três prismas visuais e discursivos sob pontos de pensamentos e percepções: tatuados, não tatuados e tatuadores, dialogando a ponto de obter dados sobre discursos que são fabricados no contato com o outro além da própria identidade de cada sujeito.

Das entrevistas surgem discursos dos tatuados, Huan Brito que tem seu corpo coberto por várias tatuagens onde a maioria das imagens é elaborada por tatuadores profissionais artísticos – que criam as imagens- e que somente uma delas é escrita que se encontra nos dedos, diferentemente de Marília Navegante, que possui somente uma marca escrita de um texto de sua própria autoria, na qual a própria a utiliza como ponto de reflexão tanto para si quanto para os outros, em diálogo com seus alunos e com as reações dos que a observa nas ruas, em seu cotidiano; das reflexões dos não-tatuados de forma a obter seus discursos sobre seus imaginários a cerca dos tatuados dos tatuadores além de suas predileções sobre o tema, Deyse Byane que nunca fez tatuagem assim como nunca visitou nenhum stúdio, tão pouco tem contato direto com algum tatuador, fala de suas experiências com tatuagens de pessoas próximas, exercitando e problematizando sobre os significados das mesmas, possibilitando levar em conta sua subjetividade enquanto observadora, e outra entrevistada que proporciona tal reflexão seria Mayara Marques que fala de seus medos e enfrentamentos dos locais de trabalho dos tatuadores e de seu envolvimento com os tatuados, que ambienta em outra esfera que esta discute por meio de seu posicionamento social de medo e confronto, mas que antes pouco se questionava dos significados das tatuagens que presenciava, esta diz que as marcas pouco lhe faziam pensar sobre a marca, mas que a partir da marca de outra pessoa faz despertar a curiosidade e desejo que confere-lhe em fazer uma em um futuro próximo; e

finalmente dos profissionais *body moders* ou tatuadores em caso específico relatando o início da profissão em um ser humano além de seus interesses e atuação como profissional de marcas, Huan que também é referido como tatuado nesta, se encontra em processo de aprendizado para atuando iniciante e aprendiz de tatuador, este acaba por direcionar o processo investigativo, instigando como se forma um profissional da tatuagem e como surge a vontade em se tornar um profissional *body moder* dentro de uma sociedade capitalista e autoritária. Completando o ciclo com os pensamentos e contribuições de Filipe Espíndola como um profissional da tatuagem, *body piercer* e artista, reformula-se e aprende cada vez mais com seus clientes e com suas próprias modificações corporais e artísticas.

Todos os sujeitos dessa pesquisa foram importantes para a conclusão desse processo de trabalho final de graduação e criar vínculos relacionais com a temática. Mesmo que tempo acaba por se tornar líquido que escorre pelas mãos, mas que não cabe a ninguém controlá-lo e sim andar conforme avança as situações, assim na construção e coleta de informações encaminha-se o processo percebendo toda nova informação que surge, cabendo ao pesquisador saber controlar seu processo investigativo, do quando pretende escrever e do quando pretende elaborar, destacando-se que faltaram pontos a serem explorados, deixando claro que se fecha somente mais um processo possibilitando a abertura de outros novos processos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABONIZIO, Juliana; FONSECA, Ana G. M. F. Modificação Ritual do Corpo: Dor, Morte e Nojo nos Freak Shows. E - Cadernos CES 08, p- 46-61. Universidade Federal de Mato Grosso, 2010.
- ALBINO, Laura Berbert Ferreira. Notas Seletas de Diário: Topografia de um ser íntimo. (Monografia Bacharelado em Artes Visuais. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais) Belo Horizonte ,2013.
- ALVARENGA, Lucila Chaves. “Essa Tattoo, Ela Significa EU, Essa Sou Eu”. Tatuagem, Corpo e Identidade. UNICEUb - FACS. Brasília-DF, 2005.
- ARAÚJO, Ana Rita Ferreira de. Encruzilhadas do Olhar. Mediação. Porto Alegre, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. Capítulo 11- Identidade no Mundo Globalizante. P 178 – 193. In: BAUMAN, Zygmunt. A Sociedade Individualizada – Vidas Contadas e Histórias Vividas. Editora ZAHAR, Rio de Janeiro, 2008.
- _____ II - Criação e Anulação dos Estranhos. p. 27-48. In: BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1998.
- BELLO, Leticia Carvalho de. Um Diário Poético:Palavras aladas ligam um (dis)curso que faz a fala tremer no diário. Porto Alegre, 2010.
- BEZERRA, Josenildo Soares. Corpo-Arte, Corpo-Sentido, Corpo-Linguagem - A Constituição da Sociedade/Sujeitos Transgressores a partir de Tatuagens. In: XXX Simposio y I Congreso Internacional de Ciencias Sociales. 2013.
- BITTENCOURT, Mauricio. A Arte como corporeidade da Identidade Cultural. UNESC. Criciúma, 2011.
- CAMPOS, Daniel Correa Felix de. Peles Tatuadas: Corpos Selvagens, Desejos e Rastros. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <http://150.162.1.115/index.php/literatura/article/view/5218/4829> (Acessado em 27 de dezembro de 2014 as 19:02h)
- CARRETEIRO, Teresa Cristina. Corpo e contemporaneidade. In: Psicologia em Revista, v. 11, n. 17, p. 62-76. Belo Horizonte, jun, 2005.
- CASTELA, Ana Paula Robalo do Nascimento. O Corpo Escrito – As tatuagens na pós-modernidade – tese de doutorado- Universidad de Salamanca – Facultad de Ciências Sociales . Salamanca, 2008.
- COSTA, Ana. Tatuagem e Marcas Corporais. 2ª ed. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2003.

- COSTA, Alex. Tatuagens de A-Z. Editora Santos. Curitiba, 2011.
- COSTA, Zeila. Do Porão ao Estúdio: Trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004
- CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2006.
- CRUZ, Joana Losada. A TATUAGEM E SUAS REPRESENTAÇÕES: UMA REFLEXÃO SOBRE A ARTE E O USO DE OUTROS SUPORTES. In: Anais 11º Encontro Internacional de arte e tecnologia (#11 .ART): Homo Aestheticus na Era Digital. Brasília- DF, 2012.
- DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo (1994). Editorações, tradução do prefácio e versão para eBook eBooksBrasil.org. Acessado em: www.geocities.com/projetoperiferia, 16-10-2014, às 11:34 hrs.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em Pesquisas Qualitativas. p. 213- 225. Editora UFPR – Educar. nº 24. Curitiba, 2004.
- ESQUIVEL, Talita G. R.; SANT’ANNA, Antonio C. V. Corpo Modificado. PPGAV-UDESC Corpo; modificação; grotesco ST 47 - Convenções sociais, marcadores de diferença e biotecnologias: entre permanências, transformações e debates ético-políticos. Florianópolis, dez, 2008.
- FEATHERSTONE, Mike. Imagem Corporal/Corpo sem imagem. IARA- Revista de Moda, Cultura e Arte. p 83 – 90. v. 1 n.2. São Paulo, ago- dez, 2008.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. Os ofícios de marcar o corpo: A realização profissional de um projecto identitário. p. 71-108. Sociologia, Problemas e Práticas. Nº 58. Lisboa, 2008.
- FLORENTINO, José Florentino & Fátima Rejane Ayres Florentino. Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade. Revista Digital - Año 12 - Nº 113 - Buenos Aires, octubre, 2007. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/> >. Acessado em 30 de novembro de 2014.
- FOUCAULT, M. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- _____. A Ordem do Discurso (Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970) Edições Loyola, São Paulo, 1970.
- FREY, Tales. Priscilla Davanzo: A Arte de Avacalhar como o Corpo Imaculado. Revista Performatus. Ano 2. Nº 8. São Paulo, Jan, 2014. Disponível em: < <http://performatus.net/wp-content/uploads/2013/12/Priscilla-Davanzo-%C2%AB-Performatus.pdf>> acessado em 11/12;2014, às 23:20 h.

- GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação Informal em Ciências. p. 171-183. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima.(Org) Ciência e Público: Caminhos da divulgação científica no Brasil. Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.
- GOFFMAN, Erving. Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. 4º edição. Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 1998.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. DP&A editora. Rio de Janeiro, 2006.
- JEUDY, Henry-Pierre. O Corpo como Objeto de Arte. Lourenço – Estação Liberdade. São Paulo, 2002.
- LARRAT, Shannon. MODCON - The Secret World of Extreme Body Modification. Editora BMEbooks. Canadá, 2008.
- LEITÃO, Débora Krische. À Flor da Pele: Estudo Antropológico sobre a Prática da Tatuagem em grupos urbanos. Iluminuras - Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS / UFRGS, 2000.
- _____. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. Cadernos IHU Ideias, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 16, 2004.
- LE BRETON, David. Sinais de Identidade: Tatuagens, Piercings e outras Marcas Corporais. Editora Miosótis. Lisboa, 2004.
- _____. A Sociologia do Corpo. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2007.
- _____. Adeus ao Corpo – Antropologia e Sociedade. 6ªed. Trad. Marina Appenzeller. Editora Papirus. São Paulo, 2013.
- LOPES, Adília. Sete rios entre campos. (1999) p. 317 – 371. In: Dobra: Poesia Reunida. Editora Assírio & Alvim. Lisboa, 2009.
- MALUFE, Annita de Juliano. A Identidade Vazia ou o Si-Mesmo como Nada (Z, Personagem de um Conto de Juliano Pessanha). Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 399-408, jul./dez. 2008.
- MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. CORPO: UMA MERCADORIA NA PÓS-MODERNIDADE. Psicologia em Revista. v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. Belo Horizonte, 2008.
- MAUSS, Marcel. As Técnicas do corpo. p. 339- 422 In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Editora Cosac & Naify. São Paulo, 2003.
- MENDES, M. I. B. de S.; NÓBREGA, T. P. da. Corpo, Natureza e Cultura: Contribuições para a educação. Revista Brasileira de Educação. p. 125- 211, N° 27. Minas Gerais, 2004.

MERENGUÉ, Devanir. *Corpos Tatuados, Relações Voláteis: Sentidos Contemporâneos para o conceito de Conserva Cultural*. Revista Brasileira de Psicodrama. V.17. nº 1. p. 105-114. São Paulo, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurici. *Fenomenologia da Percepção - o Corpo*. Coleção Trópicos. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1999.

NASCIMENTO, Lyslei de Souza. *Tatuagens e cicatrizes: Performances narrativas na contemporaneidade*. FALE/COLTEC-UFMG. p. 97-112. 2003 In: HILDEBRANDO, Antônio; NASCIMENTO, Lyslei; ROJO, Sara(Orgs). *O corpo em Performance: Imagem, Texto, Palavra*. NELAP/FALE/UFMG. Belo Horizonte, 2003.

NEVES, Luis José. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. In: *Cadernos de pesquisas em Administração*. V1. Nº 3. São Paulo, 1996.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. *Epistemologias do corpo: A Filosofia e a Arte como significação*. p. 81-99. In: SOARES, Carmem (Org.). *Pesquisas sobre o corpo – ciências humanas e educação*. FAPESP – Outros Associales. São Paulo, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Editora Pontes. São Paulo, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. *PALAVRAS ANTERIORES. OS PRÉ-DISCURSOS ENTRE MEMÓRIA E COGNIÇÃO*. Tradução de Norma Seltzer Goldstein. *Filol. lingüíst. port.*, n. 9, p. 311-331, Universidade de Paris 13. França, 2007.

_____. *Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais*. no. 16. Volume 1. Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acessado em 28 de novembro de 2014, as 14:00h. RUA [online], 2010.

PEREZ, Andrea Lissett. *A Identidade à Flor da Pele – Etnografia da Prática da Tatuagem na Contemporaneidade*. MANA 12(1): 179-206. Florianópolis, 2006.

PIRES, Beatriz Ferreira. *O Corpo como Suporte da Arte: Piercing, implantes, escarificação, tatuagem*. Editora Senac. São Paulo, 2005.

_____. *Corpo- de Objeto Passível das mais diferentes formas de representação a suporte das diferentes linguagens*. In: 4º Colóquio de Moda – Feevale – Novo Hamburgo, RS, 2008.

PRADO, Kenner. *Entre linhas: Palavras, Imagens e Corpos*. p. 304- 311. In: CHAUD, E. (Orgs.). *Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. UFG, FAV. Goiânia-GO, 2014

- RAGO, Margareth. Cultura do Narcisismo, política e cuidado de si. p. 49-65 In: SOARES, Carmem (Org.). Pesquisas sobre o corpo – ciências humanas e educação. FAPESP – Outros Associaes. São Paulo, 2007.
- RAMOS, Celia Maria Antonacci. Tatuagem Contemporânea: uma incorporação dialógica em tempos de globalização. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia (orgs). Corpo Território de Cultura. Editora Anna Blume. São Paulo, 2005.
- RIO, João do. Cap. Tatuadores, p 17 – 20. IN: A Alma Encantadora das ruas. MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1908.
- RIBEIRO, Márcia Regina. Primitivos Modernos: Modificação Corporal e p Retorno do Corpo Animal- Entregarás teu corpo/animal em sacrifício ao grande outro. (Dissertação de mestrado em Psicologia social e institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Porto Alegre, 2007.
- OLIVEIRA, Lysie dos Reis; TRINCHÃO, Glaucia Maria. A história Contada a partir do Desenho. P 156- 164 In: Anais do Gráfica 98. (III Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e IV Simpósio de Geometria Descritiva e Desenho Técnico. Ouro Preto-MG, 2000.
- RODRIGUES, José Carlos. O Tabu do Corpo. Edições Achiamé Ltda. Rio de Janeiro, 1975.
- RODRIGUEZ, Luciana da Silva. À Flor da Pele: Considerações sobre o Corpo na atualidade através do uso de tatuagem. (Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Federal Fluminense) Niterói, 2011.
- ROSA, Guilherme Carvalho da. A Discussão do conceito de Identidade nos Estudos Culturais. Universidade católica do rio grande do sul (PUCRS). Porto alegre, RS, 2005.
- SANTOS, Nádia Maria Weber. O Corpo como Objeto e Fonte para Produção de Sentidos. História, Ciências, Saúde. v.18, n.3, p. 939-943 jul.-set. Manguinhos, Rio de Janeiro, 2011.
- SILVA, Gabriela Farias da Silva. Primitismo contemporâneo: o corpo como objeto da arte. (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande, em Artes Viasis, FURG). RG, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. 2000, p 73 – 102- In: Tomaz Tadeu SILVA (organizador). Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais. Editora Vozes. Petrópolis, 2000.
- SILVA, Sergio Gomes da. As modificações corporais na sociedade contemporânea. cad. Psicanálise.-CPRJ. v. 33, n. 25, p. 239-257. Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Sara Panamby Rosa da. Corpo-Obra: Manifestações Corporais como processo de (des)construções ético-estéticas. Revista Gambiarra - número 05 - ano V, p. 29-40.– São Paulo, 2013.

SOARES, Thiago Ricardo. A Modificação Corporal no Brasil – 1980-1990. Centro Universitário FIEO. 2011

VILLAÇA, Nízia. A Cena do Corpo Comunicativo. IN: MOSTAÇO, Edécio. Para uma História Cultural do Teatro do Teatro. N 1. Editora Design. Florianópolis/Jaraguá do Sul, 2010.

ZAMBONI, Sílvio. A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência. Autores Associados. 3º ed. São Paulo, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual, 2000. P 7 – 72- In: Tomaz Tadeu SILVA (organizador). Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais. Editora Vozes. Petrópolis, 2000.